CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA - UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

CLAUDINÉA DE ARAÚJO BATISTA

FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE OS DESAFIOS DA CULTURA DIGITAL NO CONTEXTO DE OFICINAS DE PRÁTICA DOCENTE.

Rio de Janeiro
2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

CLAUDINÉA DE ARAÚJO BATISTA

FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE OS DESAFIOS DA CULTURA DIGITAL NO CONTEXTO DE OFICINAS DE PRÁTICA DOCENTE.

Dissertação de Mestrado apresentada à coordenação do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UniCarioca da linha de pesquisa do Desenvolvimento, estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias Digitais da educação formal, como requisito à obtenção do título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Profa. D. SC. Bianca Maria Rêgo Martins
Coorientadora: Profa. D. SC. Veronica Eloi de Almeida

Rio de Janeiro
2019

B333f Batista, Claudinéa de Araujo
Formação continuada: uma experiência sobre os desafios da cultura digital no contexto de oficinas de prática docente / Claudinéa de Araujo Batista. – Rio de Janeiro, 2019.
83 f.

Orientador: Bianca Maria Rêgo Martins
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2019.

1.Formação de professores. 2. Práticas pedagógicas. 3. Cultura digital. I. Almeida, Veronica Eloi de, prof. orient. II. Título.

CDD 370.1

Claudinéa de Araújo Batista

Formação Continuada: Uma experiência sobre os desafios da cultura digital no contexto de oficinas de prática docente.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Examinado por:

Bianca Maria Rêgo Martins, D. Sc. – UniCarioca
Orientadora

Leonardo Monteiro Trotta, D. Sc. – UniCarioca
Membro Interno

Ricardo Artur Pereira Carvalho, D. Sc. – ESDI/UERJ
Membro Externo

Rio de Janeiro
2019

Às pessoas que dão sentido a tudo isso: Meus pais, Antônio Braz e Eny Batista; meu amigo, companheiro e amor, Gláuber; meu filho, Joaquim, já amado que se encontra em meu ventre: vocês são minha força, minha vida.

AGRADECIMENTOS

Muitas vezes, ao longo de nossas vidas, não exercitamos com a dignidade devida o ato singelo da gratidão, mas como dizer “obrigada” quando há tanto a quem agradecer?

À Deus, sempre.

À minha Família, que vibram na vitória e acolhem nos tropeços.

Ao meu marido, Gláuber, pelo apoio, pela compreensão, pelo amor: meu “muito obrigada” cheio de emoção.

Ao meu filho, Joaquim, ainda no meu ventre, o presente mais bonito que pude receber na vida, enviado no momento certo! Obrigada, por ter se comportado tão lindamente para que eu conseguisse finalizar minha dissertação. Te amo, incondicionalmente.

À Bianca Martins, minha professora orientadora, pela sabedoria, paixão, fôlego, experiência partilhada, colocações de reflexão e desestabilização, pela orientação, pelo auxílio, por sua serenidade que por vezes acalmou minha ansiedade, por não desistir de mim.

À Verônica Eloi, minha professora coorientadora, pela disposição em aceitar o meu convite, pelo carinho, atenção, pela leitura atenta da dissertação e pelas contribuições enriquecedoras para o meu trabalho e por fazer parte dessa história da minha vida. Muito obrigada!

Ao Ricardo Artur (UERJ) e ao Trotta (UniCarioca), meu respeito, admiração e agradecimento por aceitarem compor a banca examinadora.

Aos professores do Mestrado que partilharam dessa caminhada comigo, pelos conhecimentos que intercambiamos, posto que oportunizaram o aprimoramento da minha *performance* profissional.

À UniCarioca pelo apoio no decorrer do curso.

A todos os meus amigos da 3ª Turma do Mestrado, 2018, pelos momentos inesquecíveis compartilhados nas salas de aula, nos corredores, nos restaurantes, nos nossos cafés da manhã compartilhados, nas nossas festinhas organizadas. As parcerias que nasceram com o mestrado. Obrigada, pessoal!

À Helga Vanessa, minha amiga do coração, pela ajuda ímpar em conduzir meu entendimento ainda tão primário ao parto dissertativo, em revisar meus textos, pelas conversas, pela escuta sempre presente, pelas risadas e “fofocas digitais”.

À minha amiga, parceira, hoje minha coordenadora, Rosana Moura, uma das minhas maiores incentivadoras, pela paciência cultivada, pela amizade, por me trazer amor, calma e serenidade, ajudando-me a ser uma pessoa mais leve.
À Renata Rossi, minha gerente, obrigada pelo incentivo durante os anos de estudo, pela compreensão, pela ajuda, por possibilitar a conclusão deste trabalho, agradeço imensamente por tudo.
Finalmente, agradeço a todos que direta ou indiretamente ajudaram no decorrer desta caminhada, que sem vocês não seria possível concluí-la com êxito.

Resumo

O objetivo é retratar a importância da formação continuada dos docentes na aprendizagem dos discentes frente aos desafios propostos para uma educação do século XXI que visa a formação integral e não integrada do aluno. Este trabalho investiga o contexto e públicos de 2 escolas do Rio de Janeiro na construção de identidades profissionais de professores em uma experiência de formação continuada. A pesquisa revelou a singularidade que o professor tem no processo de aprendizagem, compreendendo a relevância da formação continuada para os professores exercerem plenamente seu papel no processo ensino-aprendizagem. A partir da análise do resultado das conversações pudemos perceber que o papel do professor do século XXI passa a ser então o de contribuir na produção do conhecimento, lançando mão de recursos que façam sentido à aprendizagem dos alunos. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário do Google, a partir da aceitação e resposta do questionário foi promovida uma conversação mais dinâmica e diária com os professores participantes da pesquisa, através de uma sala de bate papo no *WhatsApp* e de três oficinas presenciais, em cada escola, ao longo da pesquisa.

Palavras-Chave: Formação de Professores; Práticas Pedagógicas; Cultura Digital.

Abstract

The objective is to portray the importance of the continuing education of teachers in the learning of students in face of the challenges proposed for a 21st century education that aims at integral and non-integrated student education. This paper investigates the context and audiences of 2 schools in Rio de Janeiro in the construction of teachers' professional identities in a continuing education experience. The research revealed the uniqueness that the teacher has in the learning process, understanding the relevance of continuing education for teachers to fully play their role in the teaching-learning process. From the analysis of the result of the conversations we could realize that the role of the teacher of the 21st century then becomes that of contributing to the production of knowledge, using resources that make sense the learning of students. For data collection a Google questionnaire was used, from the acceptance and answer of the questionnaire was promoted a more dynamic and daily conversation with the teachers participating in the research, through a chat room in WhatsApp and three in-person workshops, in each school throughout the research.

Keyword: Teacher Training; Pedagogical Practices; Digital Culture.

SUMÁRIO

1. Introdução ----------1

1.2. Questão Norteadora ----------9

1.3. Justificativa e relevância ---------- 11

1.4. O lugar de fala da pesquisadora---------- 14

1.5. Objetivos ---------- 16

2. As Leis brasileiras e a formação continuada dos professores ---------- 17

3. A formação docente, a cultura digital e o desafio da escola ---------- 23

4. Metodologia---------- 28

4.2 Local da pesquisa ---------- 29

4.3 Procedimento para produção de dados ---------- 32

5 Resultados e discussão ---------- 34

5.2 Coleta de material ----------34

5.3 Análise de material ---------- 35

5.4. Oficinas de práticas pedagógicas ---------- 43

Considerações Finais ---------- 64

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ---------- 69

1. INTRODUÇÃO

"[...] livros, canetas, cadeira, computador e conexão de internet - o que seria de nós sem eles?!"
(PUGAS, 2013, p. 15).

A Educação é o elemento da vida social (FERNANDES, 1989). Ela é responsável pelo arranjo das práticas dos sujeitos na vida cotidiana. Entender a trajetória da educação é parte essencial na formação dos docentes, uma vez que ela é uma modalidade de ajustamento psicossocial que resulta numa forma de controle social, com base na organização social e no horizonte cultural partilhado por um grupo (GUSMÃO, 1997). A educação não é neutra (FREIRE, 1968) e a cultura digital traz impactos a ela.

No tocante à educação brasileira, só em meados do século XX o processo de expansão da educação básica começou. O Brasil estruturou seu sistema educacional na segunda metade do século XX. Em 1961, o país aprovou sua primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (CORTELAZZO, 2018), assim, o pensamento pedagógico começa a ter autonomia, apesar da educação brasileira ter se constituído em fendas marcantes[1]. A contemporaneidade é marcada pela velocidade na qual as mudanças acontecem.

Nessa perspectiva, são grandes os desafios da educação contemporânea, por exemplo, o de tornar a sala de aula um espaço mais interessante. O cenário atual nos motiva a refletir a respeito da formação dos professores, que já é sabido, tem um papel fundamental na vida do aluno; daí a necessidade de pesquisar a respeito das exigências educacionais do século XXI. Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos

[1] A educação nasce no Brasil por volta de 1549 sob a direção do jesuíta Manoel de Nobrega, tinha como sua missão catequizar os índios que aqui viviam. Nessa época a educação era pensada pela Igreja Católica. Em 1599, a Igreja elabora um documento curricular: Ratio Studiorum. Em 1772, com a reforma pombalina temos uma mudança no cenário da educação no Brasil. Em1827, a educação começa a ser pensada e em 1934 a Constituição Brasileira insere um capítulo sobre Educação. Em 1961 é promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação. RATIO atque Institutio STUDIORUM – Organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. In: FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952

mais abertos de pesquisa e comunicação (MORAN, 2009, p. 29). O professor não é e nem deve ser o mesmo de alguns anos. É preciso que ele ressignifique velhas práticas e busque ferramentas e metodologias que o auxiliem em uma prática docente mais atual e significativa, isto é, “se efetivamente desejamos mudar, faz-se indispensável estabelecer um diálogo fértil e também crítico com o que convencionamos chamar de prática” (ALVES et. Al., 2002, p.12). É notório que os estudantes estão cada vez mais autônomos e conectados e que as novas tecnologias estão revolucionando a forma de ensinar e aprender. Nesse contexto, um dos pontos que merece reflexão e destaque diz respeito ao uso do livro didático. Este, deve ter como proposta conteúdos e atividades que reflitam os desafios propostos para uma educação do século XXI, que vise a formação integral e não integrada do aluno. Sendo assim, formar professores para o uso de metodologias adequadas à linguagem das novas mídias é fator preponderante para uma educação pautada em bases sólidas e atuais. O livro didático é um exemplo interessante a respeito do avanço tecnológico. Apesar de ser uma tecnologia antiga, desde a época das antigas cartilhas, hoje, a sua configuração tem sido cada vez mais alterada. Os livros têm trazido em sua roupagem plataformas educacionais digitais, QRcodes, objetos educacionais digitais, entre outros.

Refletir sobre as práticas pedagógicas é essencial, por isso é imperioso implementar e desenvolver ferramentas on-line para construir conhecimento. O professor precisa compreender as mudanças no processo de ensino e aprendizagem e estar preparado para esse momento, sabendo que “o grande desafio existente no processo de ensino e aprendizagem é como integrar os professores na cultura tecnológica” (BARROS, 2005, p. 65). O professor do vigente século tem o papel de contribuir na produção do conhecimento, com a ajuda das novas tecnologias para inovar, lançando mão de recursos que façam sentido a aprendizagem dos alunos.

Este trabalho tem início num questionamento que faço: como está a formação pedagógica dos professores frente à cultura digital? “Aprender requer o desenvolvimento de um arcabouço conceitual organizado para um determinado assunto” (David Ausubel, 1968, p.59). Nesse sentido, para aprendermos, precisamos ligar as coisas umas nas outras. Aquelas informações, experiências, vivências que temos precisam estar alinhadas, organizadas de modo que possamos acessá-las quando aprendemos algo novo. Quando lemos algo sobre um tema que era difícil e acabamos entendendo – nesse momento pensamos: então era isso? – O que

aconteceu foi um *link*, conectamos o que já tínhamos estudado com aquilo que acabamos de ler.

O professor, típico do século XXI não precisa dominar todos os aplicativos, livros digitais, lousas digitais, ferramentas digitais, metodologias. Na verdade, inovar, depende muito menos das ferramentas que do professor. É essa figura, o professor, que define o percurso de uma aula inovadora. São características próprias, natas ou desenvolvidas:

- A busca por formação continuada – dizem que o futuro das universidades e profissões do futuro será a busca por educação de forma constante, através de formação, cursos curtos, grades de cursos que interessem a uma atividade específica. Para Romanowski (2010, p. 138) “A formação continuada é uma exigência para os tempos atuais. Desse modo, pode-se afirmar que a formação docente acontece em *continuum*, iniciada com a escolarização básica, que depois se complementa nos cursos de formação inicial, com instrumentalização do professor para agir na prática social, para atuar no mundo e no mercado de trabalho”.

- Flexibilidade - Segundo FREIRE (1997, p.96) "o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento". Por exemplo, o professor não está preparado para aquela questão apresentada pela turma, mas se interessa a turma, ok, o professor segue em frente.

- Mediador – O professor não está em sala de aula para dar um espetáculo e ser o centro da atenção. Ele está com um facilitador do processo de aprendizagem. Para Nóvoa (1997. p.26). "A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando".

Por isso, que explorar os temas com diversas perspectivas, trazer a contribuição do estudante, propiciar experiências e situações em que ele reveja suas concepções se faz necessário nesse cenário de Educação para o século XXI. E por isso a temática é pertinente por um motivo básico: a educação vive um momento de transição. Grande parte dos estudantes e professores encontram-se em gerações diferentes. Os alunos vivem em um contexto mediado pelas tecnologias digitais no que diz respeito à maioria de suas atividades cotidianas, enquanto uma parte do professorado tem uso restrito dessas tecnologias, para finalidades específicas.

Massetto (2009) afirma que a educação escolar não valorizou o uso das tecnologias como possibilidade de se buscar novas práticas que fomentem avanços nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse cenário, vários questionamentos nos levam a refletir sobre a educação do século XXI: a formação dos professores, os desafios da educação do século XXI, os conhecimentos e habilidades propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os alunos nativos digitais. Desse modo, como trabalhar com essa geração que já nasce imersa no contexto digital?

Qual é o papel do professor no ensino brasileiro contemporâneo? Responder a essa provocação não é uma tarefa fácil, compreender o papel do professor dentro da sociedade tampouco é simples de pensar. Será que os profissionais estão conscientes e engajados na transformação da sociedade para a tarefa de propiciar ao maior número de discentes a compreensão da fase histórica que estamos vivendo? Será que já existe um ambiente onde o aluno possa criar uma postura autônoma e independente, contribuindo para o desenvolvimento de sua capacidade de gerir seu próprio processo de aprendizagem?

A minha pesquisa não se propõe a responder a todas estas questões. Mas, considero importante trazê-las ao meu texto, para que seja pelo menos proposto um diálogo entre elas e o meu objeto de pesquisa – a saber, a formação continuada dos professores no contexto da cibercultura.

O processo de aprendizagem é uma construção contínua e social. O ato de aprender não ocorre isoladamente, aprende-se a partir das relações. O filósofo grego Aristóteles (384 – 322 a.C) dizia que o homem é um animal político, pois é a própria natureza humana que exige a vida em sociedade (REZENDE, 2014). Como diz Assmann (1998, p. 35- 36), vida é, essencialmente, aprender... e estar vivo é um sinônimo de estar agindo como aprendente. A humanidade precisa do outro, não vive sozinha, não aprende sozinha. Oliveira (2009) ratifica a visão de que o indivíduo, durante a aprendizagem, é um ser cognoscente, ao aprender com o meio e com os outros.

É certo que cada organização escolar busca adequar as diretrizes curriculares à sua realidade educacional, levando em consideração o perfil da comunidade circundante. A realidade dos tempos atuais nos mostra uma sociedade em constante

mutação, diversificada e globalizada. Vivemos a era digital e as pessoas acompanham ou sofrem as influências de tais movimentos. Nesse contexto de aprendizagem, destaca-se, por exemplo, a história do livro compreendendo uma série de inovações técnicas que possibilitaram aos humanos o acesso à informação de uma maneira mais prática e rápida.

As primeiras estruturas utilizadas para a escrita foram: tabuletas de argila ou de pedra; *Volumen e Códex.* Já no final da Idade Média, no século XIV, surge a impressão como uma grande invenção da época. Com a prensa tipográfica, o livro popularizou-se definitivamente, tornando-se mais acessível pela redução enorme dos custos e do tempo em uma produção em série, conforme mostram as imagens a seguir:



Imagem 2 - *Volumen*
https://belitabotelho.blogs.sapo.pt/29012.html



Imagem 3 - Prensa tipográfica
https://www.custojusto.pt/aveiro/coleccoes/prensa-antiga-de-tipografia-24255953

Ao criar uma máquina capaz de reproduzir ideias, conhecimentos e informações, o humano do Renascimento mostrou claramente que na mentalidade daquele tempo existia algo além do desejo de dominar a natureza. Existia a necessidade de difundir como este domínio se realizava. Por outro lado, a infinita vontade de conhecer, de reproduzir o mundo sob outra ótica tornou presente para este homem que o saber poderia ser massificado e o conhecimento difundido (Verger, 1999).

As cópias manuscritas que os eruditos reproduziam laboriosamente não atendiam mais ao mundo moderno. Os livros – ou seja, a possibilidade de difundir ideias e o próprio conhecimento – não mais manuscrito, mas impresso, às centenas e milhares de exemplares, tornaram-se necessidade fundamental para a sociedade, principalmente para os estudantes. O livro já existia antes da impressão, mas as práticas de leitura foram se modificando e ainda estão em transformação com a possibilidade de imprimir os volumes em larga escala (Verger, 1999).

Qual a importância do livro didático na prática educativa para o século XXI? Como exemplo dá-se a importância do livro didático como instrumento de reflexão capaz de contribuir com o processo de desenvolvimento da aprendizagem, como também contribuir com a prática pedagógica do professor quando articulado entre

conhecimentos práticos, teóricos e seus agregados digitais ofertados num livro didático. Faz-se necessário mudar a didática de uso do livro didático, pensar no livro como ferramenta lúdica de aprendizagem, na qual seja possível trabalhar um vídeo, um infográfico de modo a produzir conhecimento.

Nos dias de hoje, o livro vive uma nova revolução: o mundo digital traz o surgimento de novos suportes, modos de produção e práticas de leitura. A tecnologia atrai o interesse do aluno e ajuda a aproximá-lo de espaços formais e informais de ensino, em especial, se dá na geração dos "nativos digitais"[2] (PRENSKY, 2001), que já nasceram inseridos na sociedade articulada pelas tecnologias digitais (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2006).

O livro digital disponibilizado em plataforma possibilita acesso online ao conteúdo do livro físico, recursos digitais e objetos educacionais digitais, os OEDs. O livro digital oferta ferramentas para edição e marcação de texto, filmes, links de páginas da internet, animações, áudios, mapas interativos, textos e atividades complementares entre outras funcionalidades e soluções que facilitam o processo de ensino-aprendizagem[3] tornando-o prazeroso. Mas como chamar a atenção dos professores para essa nova linguagem e formá-los?

Com uma formação continuada, o processo de aprendizagem e desenvolvimento do professor é constante e permeia o dia a dia da sala de aula. "O processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem" (WEISZ, 2018, p.65). A sala de aula é um espaço privilegiado de convívio social, com pessoas diferentes que trazem consigo sua posição social, seus valores culturais, a diversidade humana e por isso o professor passa a assumir dentro desse espaço diferentes funções, tais como: educador, mediador de conflitos, assistente social.

A tecnologia, então, pode tornar-se aliada do professor ajudando na construção de conhecimento dos alunos e no aprofundamento dos conteúdos curriculares, além de motivar o aluno que começa a se conectar estabelecendo uma nova linguagem para o livro, através das possibilidades ofertadas pelos recursos e ferramentas disponibilizados pelo livro digital.

[2] O termo Nativos Digitais foi criado em 2001 por Marc Prensky. São os nascidos a partir de 1980, é a geração que não concebe o mundo sem internet.
[3] Cabe frisar que entendo a relação entre ensino e aprendizagem como correlatos, e mais que isso, como um processo dinâmico e não hierarquizado, em outras palavras, discente docente compreendem dois lados de um mesmo processo.

Os alunos, ou seja, o processo de aprendizagem é o foco desse trabalho e muitas vezes os estudantes têm mais intimidade com os equipamentos do que os próprios professores, por isso a necessidade de entender se a interatividade dos livros digitais favorece o processo de aprendizagem, visto que esses discentes estão cada vez mais conectados. Para Santaella (2007, p. 4;5), "a linguagem da hipermídia se constitui no hipertexto fundido à multimídia". Em vez de um fluxo linear de texto, como é próprio da linguagem verbal impressa, no livro digital a leitura pode ocorrer por caminhos distintos.

No espaço formal de ensino o professor, em geral, acompanha o desenvolvimento das atividades pedagógicas e orienta sua realização, de modo a conduzir a aprendizagem. Assim, para o aluno, o professor é o mediador do processo de construção do conhecimento que tem a preocupação de tornar esses momentos mais significativos.

É necessário ter em mente a importância do professor na formação e aperfeiçoamento dos alunos, para que eles possam crescer e tornarem-se sujeitos autônomos num mundo em processo contínuo de transformação. Por isso, o professor deve se manter atualizado, ou seja, bem informado em relação aos fatos, aos acontecimentos e principalmente em relação às suas práticas pedagógicas e às novas tendências educacionais. Para não parecer que algumas ideias do tipo: “quem sabe, sabe ensinar” ou “o professor nasce feito” ainda predominam no cenário social e educacional, embora a realidade esteja a toda hora contraditando essas crenças (GATTI, 2000, p. 40).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[4] é um tema muito discutido ultimamente, e o documento reforça a necessidade da formação continuada dos professores. A formação continuada do professor visa torná-lo um facilitador e não apenas um transmissor de informações, tornando-o cada vez mais capaz de se adaptar às rápidas e diversas mudanças no contexto educacional. Há dificuldade em associar a teoria com a prática nos cursos de formação; nestes, aprende-se teorias educativas, sociológicas, psicológicas e filosóficas e, no entanto, ignoram o cotidiano

[4] BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagem essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

escolar. Isso é observável no impacto que os professores sofrem no início de carreira, ao encarar a realidade da escola e da sala de aula (PRADA, 1997).

Entre uma série de propostas a serem discutidas e desenvolvidas no espaço escolar, considero o estudo do desenvolvimento de estratégias, habilidades e competências fundamentais para a utilização de ferramentas digitais para a produção de conhecimento, o mais desafiador de todos. Segundo Lévy (1999), novas maneiras de pensar e conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática, e a escola está sendo influenciada por essas perspectivas.

A era em que vivemos exige cada vez mais empenho do docente na busca por informações, mas alguns professores não estão acostumados com as novas tecnologias. Nortear o processo de ensino-aprendizagem mediado pelo uso das novas tecnologias, das metodologias transformando a didática é um desafio.

> [...] estamos na era planetária: uma aventura comum que conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Esses devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2001, p.47)

Para isso, o educador também precisa dominar formas instigantes de trabalhar o livro didático e as novas tecnologias e, principalmente, estar aberto a aprender.

1.2 QUESTÃO NORTEADORA

Em um contexto de práticas pedagógicas no ensino fundamental pautado, quase que exclusivamente, em livros didáticos, como o professor pode utilizar-se das possibilidades de metodologias didáticas que fazem uso de recursos da cultura digital para construir sentidos mais significativos aos seus alunos? A importância dessa pergunta está em: “como?” Não existe um passo-a-passo que seja 100% certeiro, mas aos poucos é possível avançar com atividade que exija maior autonomia dos alunos, já preparando-os para as metodologias ativas, por exemplo. O uso de recortes de

vídeos como filmes, desenhos, músicas, fazendo relação com o conteúdo também é um meio simples e eficaz de aproximar o aluno de abordagens mais inovadoras.

Inovar é preciso, porém inovar se trata, principalmente de resolver problemas utilizando de recursos que você já tem. É aí que entram habilidades como trabalho em equipe, projetos, autonomia, cooperação. O aluno com um papel mais prático e presente em sala de aula. Vale lembrar que a educação precisa atuar em conjunto com o mundo, além dos muros da escola, em constante transformação. É por isso que é tão importante que o aluno veja sentido no que está aprendendo. Nesse sentido Santos (2008, p.65), diz: “provocar a sede” de aprender, problematizando o conteúdo, tornando-o interessante e não tirar o sabor da descoberta dando respostas prontas.

Contudo, Santos (2008, p.73), apresenta as sete atitudes recomendadas nos ambientes de aula:

1. Dar sentido ao conteúdo: toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional.

2. Especificar: após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado.

3. Compreender: é quando se dá a construção do conceito, que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos contextos.

4. Definir: significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro.

5. Argumentar: após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre por meio do texto falado, escrito, verbal e não verbal.

6. Discutir: nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio pela argumentação.

7. Levar para a vida: o sétimo e último passo da (re)construção do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção na realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem é inócua. (SANTOS, 2008, p. 73-74).

1.3 JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA

A vontade de saber é inerente ao ser humano, porém, ninguém aprende o que não compreende. O processo de aprendizagem não se limita à sala de aula. A prática educativa já não é mais centrada no professor, logo, o processo de ensino e aprendizagem é visto como uma via de mão dupla, com mudanças no processo de ensino e também no processo de aprendizagem.

O livro didático é ferramenta de apoio para os professores, dada a sua importância na prática pedagógica diária e por ser suporte teórico e prático para o aluno, assim ele passa a ser entendido como um instrumento de trabalho do docente que constitui uma organização possível de conteúdo a ser ensinado.

A tecnologia digital alterou a dinâmica de aprendizagem em sala de aula e os professores precisam se adaptar às mudanças. Bohn (2013) aponta como uma das principais mudanças no contexto da sala de aula o vasto e rápido acesso às ferramentas e conteúdos que a internet disponibiliza e que vai muito além do que o professor pode oferecer (em termos de informação) a seus alunos.

A tecnologia digital está cada vez mais integrada ao processo de aprendizagem aqui há uma oportunidade de reflexão a respeito do papel do professor, para formar indivíduos íntegros, que acompanhem as mudanças do mundo atual. Mas qual metodologia é mais adequada para os novos tempos? Segundo Cortelazzo (2018),

> [...] novos métodos de ensino foram se desenvolvendo nos últimos anos, alguns deles em que o aluno passa a ser agente ativo da sua aprendizagem, de tal maneira que a sala de aula, espaço privilegiado onde reúnem os estudantes de uma dada turma, passa a desempenhar um novo papel e ter uma importância pedagógica. (CORTELAZZO, 2018, p.31).

Vivemos uma revolução digital, não somente por conta de equipamentos tecnológicos e inovações digitais, mas também pela maneira de aprender, o que interfere, ou pelo menos deveria, na forma de ensinar. Os tempos estão mudando e a formação docente precisa acompanhar essas mudanças. A educação do século XXI prevê escolas para o século XXI. Assim esse espaço deve ser concebido como um lugar de formação para seus profissionais. Refletir a respeito do papel do professor como mediador na construção do conhecimento. Para tanto, a noção de competência

precisa ser evidenciada, tendo em vista a necessidade de formar alunos “competentes”, capazes de criar e ressignificar o mundo. Segundo Zabala, competência é a capacidade de um sujeito mobilizar saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes para resolver problemas e tomar decisões adequadas. (ZABALA, 1998).

É necessário buscar mais conhecimento com relação à formação pedagógica dos docentes do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, como estão se preparando para a adoção de práticas de ensino inovadoras. A formação ocorre permanentemente. Os tempos se mesclam. As formas flexíveis de atuação e as mudanças dos perfis dos profissionais e dos estudantes nos mostram que, na atualidade, tanto trabalho quanto formação são aspectos relacionados permanentemente, ao longo da vida. (KENSKI, 2013, p.53). Para apoiar uma prática educativa qualificada os professores precisam buscar plena compreensão do seu fazer pedagógico, criando um novo ambiente de trabalho, um ambiente de construção do conhecimento, de curiosidade, de participação, pois como diz John Dewey (2007, p. 12), na sua obra maior, Democracia e Educação, “(...) um médico pode operar um doente anestesiado, mas um professor não pode ensinar um aluno que esteja a dormir”.

Em dezembro do ano de 2017 a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e Ensino Fundamental foi homologada e trouxe consigo um convite a novas escolhas. Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BNCC p. 8). Escolhas que visam potencializar o Projeto Político Pedagógico de cada escola, refletir sobre um novo currículo escolar e conectar com os desafios dos novos tempos.

As primeiras discussões sobre a criação da Base tiveram início em 2015, desde o início das discussões a elaboração do documento foi tema de debates em diversas esferas, com a participação de especialistas, dirigentes educacionais, professores e integrantes da sociedade. A Base Nacional Comum Curricular estabelece uma série de desafios para as escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, segmento contemplados nessa etapa. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e

socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC p. 8).

Finalmente em dezembro de 2018 o texto da BNCC referente à etapa do Ensino Médio foi homologado pelo MEC sendo o último segmento a ser incluído no documento que visa um conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver ao longo da Educação Básica.

A BNCC apresenta propostas de trabalho com o desenvolvimento de competências e habilidades para o século XXI. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas[5] (ONU, 2015, p. 8).

O desenvolvimento de competências em sala de aula pressupõe uma mudança de paradigma quanto encaminhamento metodológico do professor. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser (...), “mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.” (FREIRE, 1997, p.28).

O professor necessita de uma formação sobre o que vem a ser essa nova forma de trabalho, ou seja, essa mudança de paradigma metodológico, bem como entendimento que unicamente pela utilização de recursos didáticos diversificados sua efetivação torna-se insuficiente e insatisfatória. A formação de profissionais docentes para atuar em projetos educacionais na atualidade é algo amplo, complexo e diferenciado dos programas tradicionais de formação de professores. Envolve mudanças estruturais para a incorporação de uma nova postura profissional, outra cultura, novos conceitos e novas práticas pedagógicas (KENSKI, 2013, p.95). Se faz necessário demonstrar no planejamento, por exemplo, a intencionalidade e o propósito quanto ao desenvolvimento das competências.

[5] ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo**: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ agenda2030/>. Acesso em: 7 mai 2018.

1.4 O lugar de fala da pesquisadora

“Entramos no debate [...] assumindo nossas subjetividades, nossas escolhas políticas e teóricas que orientam nossos olhares que recortam, costuram e dão sentidos às nossas falas e aos fazeres”.

(GABRIEL E MONTEIRO, 2014, p. 28).

A motivação para a escolha desta linha, tem a ver com minha trajetória profissional, ao perceber que o professor do século XXI demanda de formações continuadas e práticas pedagógicas que não apenas desenvolvam a aprendizagem, mas que também contribuam para o crescimento pessoal e social dos estudantes, ou seja, uma formação integral.

A cada dia, percebo a urgência de contribuir para a formação docente. Hoje, sou responsável pelo maior catálogo de livros didáticos do País, e conto com uma série de soluções para ajudar o professor, a escola a construir um planejamento eficaz, sempre de acordo com as diferentes etapas e dimensões dos processos de ensino e aprendizagem.

Atualmente, exerço a função de assessora pedagógica em uma grande editora de livros didáticos. Sou responsável por acompanhar e auxiliar o trabalho pedagógico, respeitando as características, a realidade e a metodologia de algumas escolas contribuindo de maneira efetiva com o ensino. A fim de auxiliar os professores ao longo de todo o ciclo de ensino, destaco aqui as quatro principais etapas da minha atuação como assessora pedagógica.

- Implantar os livros didáticos e demais soluções educacionais, por meio da formação dos professores e orientações a respeito do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

- Acompanhar o trabalho realizado pelos professores, ao longo do período de utilização das obras didáticas.

- Contribuir com a equipe pedagógica da escola na formação do corpo docente, por meio de temas educacionais relevantes e atuais.

- Implementar e desenvolver ferramentas digitais para ajudar a produzir conhecimento.

O livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino (SOARES, 2002). O grande desafio dos docentes é desenvolver uma aula dinâmica, criativa, reflexiva e que estimule o senso crítico. Quando o professor está ciente da proposta metodológica do livro, das ofertas pedagógicas trazidas pelo livro e dos agregados digitais que visam incorporar o seu fazer pedagógico, ele pode auxiliar o trabalho na sala de aula desenvolvendo as melhores estratégias e, certamente, fará uso dessas táticas no processo de ensino e aprendizagem. O mundo digital é intuitivo para os alunos, porém, demanda de formação para o professor, que visa o desenvolvimento de práticas, métodos e didática para adentrar a cultura digital, mas do que focar, apenas, no ensino, focar no processo de aprendizagem do professor. Segundo Romanowski (2010, p. 53),

> "A dinâmica da aula caracteriza –se pela nossa interação com os alunos, sendo mediada pelo conhecimento. Ensinar e aprender são processos direcionados para o mesmo objeto: o conhecimento; ambos envolvem a cognição e a relação entre sujeitos. É nesse processo dinâmico, contraditório e conflituoso que os saberes dessa prática profissional são construídos e reconstruídos".

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 OBJETIVO GERAL

Propor e evidenciar oficinas de formação continuada para professores de duas escolas da Cidade do Rio de Janeiro com a intenção de debater metodologias didáticas que fazem uso de recursos da cultura digital como modo de aprimorar a atuação docente.

1.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar contexto e públicos de duas escolas do Rio de Janeiro e verificar possibilidades de realização de oficina de formação continuada a respeito dos usos de recursos da cultura digital como forma de aprimorar a atuação docente;

2. Propor conforme perfis de contexto e público identificados, a elaboração de oficina de formação continuada, em parceria com os professores, de usos de recursos digitais que ampliem e qualifiquem as práticas pedagógicas;

3. Implementar a oficina de formação continuada, potencializando a construção de concepções curriculares, relacionando novas práticas pedagógicas a educação contemporânea e discutir os resultados alcançados.

2. As Leis brasileiras e a formação continuada dos professores

"Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra."
(Anísio Teixeira)

Apresento, neste capítulo, um panorama das leis e decretos que visam sobre a importância da formação docente. A estruturação do sistema educacional brasileiro se dá por meio de Leis que regulam os seus diferentes aspectos e por Decretos, Portarias, Resoluções, Pareceres, que regulamentam, explicam e organizam os atos reguladores (CORTELAZZO, 2018).

A formação continuada, ou seja, o processo de aprendizagem, logo o de desenvolvimento do professor é constante e permeia o dia a dia da sala de aula. Na opinião de Gadotti (1998), todo saber traz consigo a sua própria superação. Dentre tantas oportunidades que são ofertadas com a formação continuada, destaca-se a possibilidade de refletir e aperfeiçoar as suas práticas docentes. Nesse sentido, Wengzynski & Tozetto (2012, p.4), reforçam que:

> [...] a formação continuada contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, cujo objetivo entre outros, é facilitar as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente elevando-a a uma consciência coletiva. A partir dessa perspectiva, a formação continuada conquista espaço privilegiado por permitir a aproximação entre os processos de mudança que se deseja fomentar no contexto da escola e a reflexão intencional sobre as consequências destas mudanças.

Nesse sentido, Nóvoa (1995, p.23) contribui, afirmando que:

> A identificação das práticas de reflexão possibilita o desenvolvimento das condições em que elas podem se desenvolver. [....] a formação continuada do professor deve ter, como pólo de referência, a escola, local onde os professores decidem, com autonomia, os meios para realizá-la. (NÓVOA, 1995).

Assegura Fazenda (2001) que formação é a ação de formar. Para Fazenda (2001, p. 56),

> A formação implica no reconhecimento das trajetórias próprias dos homens e mulheres, bem como exige a contextualização histórica dessas trajetórias, assumindo a provisoriedade de propostos de formação de determinada sociedade. [...] algo inacabado, com lacunas, mas profundamente comprometido com a maneira de olhar, explicar e intervir no mundo.

A Constituição da República Federativa do Brasil, ou simplesmente, Constituição Federal de 1988 foi promulgada no dia 5 de outubro de 1988. A perspectiva do artigo 214 da Carta Constitucional é uma educação como um direito social:

> **Art. 214.** A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:
> I - erradicação do analfabetismo;
> II - universalização do atendimento escolar;
> III - melhoria da qualidade do ensino;
> IV - formação para o trabalho;
> V - promoção humanística, científica e tecnológica do País;
> VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto.

Já a Lei nº 9394/96[6], sancionada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 62:

> **Art. 62**-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
> **Parágrafo único**. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), (BRASIL, 1996), vem ao encontro da formação continuada de professores, também, no do artigo 67,

[6] Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

onde diz: Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

> II – Aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;
> V – Período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;
> VI – Condições adequadas de trabalho.

A formação continuada de professores está indicada também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), quando apontam que “em qualquer circunstância a formação profissional contínua ou permanente do professor deve se dar enquanto ele exerce sua profissão, ou seja, na escola, paralelamente a seu trabalho escolar” (BRASIL, 1998, p. 139).

Paulo Freire (1997, p.40) afirma que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. A formação continuada, segundo Perrenoud (2002), tem como função básica contribuir para o professor ampliar e alterar, de maneira crítica, a própria prática.

Em 2007, foi lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que tinha como objetivo melhorar a educação no Brasil em todas as suas etapas, de promover a qualidade da educação básica pública e expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de formação de professores no país. Quando lançado tinha um prazo de quinze anos para ser completado, mas acabou descontinuado antes desse prazo.

O PDE foi lançado em conjunto com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, instituído pelo Decreto Lei nº 6.094. A redação do documento apresenta no artigo 2º “A participação da União no Compromisso será pautada pela realização direta, quando couber, ou, nos demais casos, pelo incentivo e apoio à implementação, por Municípios, Distrito Federal, Estados e respectivos sistemas de ensino”, das seguintes diretrizes:

> XIV - valorizar o mérito do trabalhador da educação, representado pelo desempenho eficiente no trabalho, dedicação, assiduidade, pontualidade, responsabilidade, realização de projetos e trabalhos especializados, cursos de atualização e desenvolvimento profissional;

Por outro lado, para Gatti e Barretto (2009, p. 247) "os salários recebidos pelos professores não são tão compensadores, especialmente em relação às tarefas que lhe são atribuídas". ainda nessa linha Vicentini e Lugli, afirmam:

> Com esse quadro da situação atual do professorado no Brasil se produz uma imagem dos seus membros que pode ser sintetizada da seguinte forma: um profissional mal preparado e com uma remuneração insuficiente que goza de pouco prestígio na sociedade e cuja legitimidade está sob constante ameaça. (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 156).

A Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNs) com o objetivo de orientar o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. No artigo 13 das DCNs, a formação de professores deve garantir "[...] a formação para o exercício integrado e indissociável da docência na educação básica, incluindo o ensino e a gestão educacional, e dos processos educativos escolares e não escolares, da produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional".

Sobre a formação para o exercício do professor Veiga (2009) diz:

> Formar professores implica compreender a importância do papel da docência, propiciando uma profundidade científico-pedagógica que os capacite a enfrentar as questões fundamentais da escola como instituição social, uma prática social que pressupõe as ideias de formação, reflexão e critica (VEIGA, 2009, p. 25).

A formação, conforme Nóvoa (1995, p. 25), não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim, por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal.

Nessa ideia Nóvoa (1995, p.27) continua:

> É necessário retirar da formação do professor o caráter técnico e dar-lhe uma marca humana, na qual a racionalidade técnica cede lugar à racionalidade crítica. A profissionalização do saber na área de ciências da educação tem contribuído para desvalorizar os saberes, experiências e as práticas dos professores.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996. As DCNs são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino.

A Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, aprova o Plano Nacional de Educação (PNE), sua finalidade é investir na melhoria da qualidade da educação no país. Com peso de lei, o PNE estabelece 20 metas a serem atingidas nos próximos 10 anos, e umas das metas versa sobre à formação continuada dos professores. O PNE diz ainda que, até 2024 cem por cento dos docentes devem ter uma formação continuada em sua área de atuação, as imagens abaixo mostram que 34,6% dos professores da educação básica possuíam pós-graduação e 33,3% participaram de uma formação continuada.

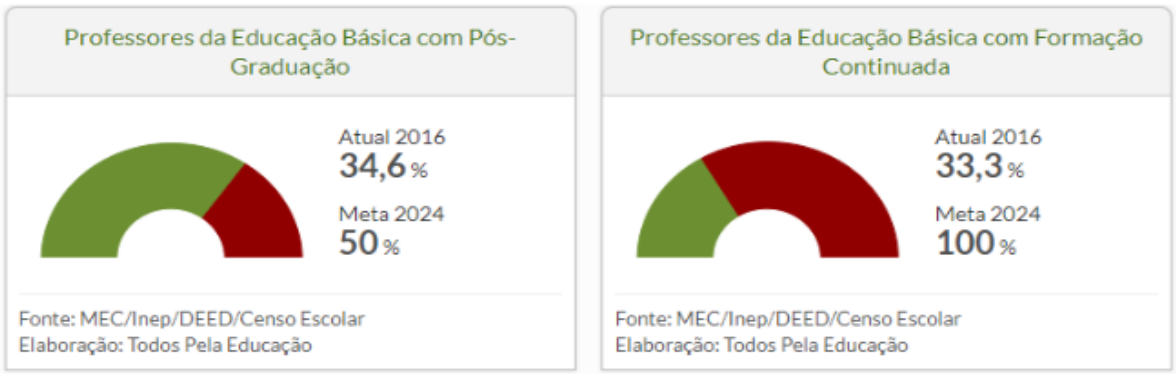


Imagem 4
http://www.observatoriodopne.org.br/

O Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016, instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério, estabelecendo para a formação de professores no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

E por fim a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), às etapas que correspondem a Educação Infantil e Ensino Fundamental foi homologada no dia 20 de dezembro de 2017. Com caráter normativo a BNCC traz em sua redação como pauta obrigatória nas escolas a formação continuada dos docentes, o que torna essa ainda mais importante para as instituições**.** Quando o docente busca se aprimorar, ele abre espaço para novas práticas educacionais e com isso dá um novo significado ao espaço escolar.

Victório Filho (2002, p. 68) afirma que:

> A prática docente transformadora seria, então, um conjunto de ações que deveria se desenvolver a partir do reconhecimento da importância de elementos e informações tradicionalmente desconsiderados no estudo das questões da educação. Entre esses, estão os indispensáveis indícios que emergem constantemente no cotidiano.

Se pensarmos na velocidade que caracteriza a vida dos docentes no atual contexto é difícil imaginar o tempo de parar, pensar e refletir sobre novas práticas pedagógicas, porém é preciso pensar na formação continuada, promover tempo para praticar novas trocas, valorizar e lutar por um processo de formação continuada.

3. A formação docente, a cultura digital e o desafio da escola

"Velocidade. Esse é o termo síntese do status espaço-temporal do conhecimento na atualidade. Velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas e superá-las com outras inovações".
(KENSKI, 1998, p. 60).

A escolha de temáticas ligadas às questões da cultura digital na formação dos professores vem conquistando cada vez mais espaço nos temas de formação continuada. Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, a preocupação passa a ser a relação entre os docentes e as possibilidades que as novas tecnologias podem ofertar para as práticas pedagógicas. Segundo Kickbusch (2012, p. 66) "as tecnologias de informação e comunicação fazem parte das nossas vidas cotidianas e apoiam a educação das nossas crianças, sendo também consideradas um aspecto fulcral para aperfeiçoar as compe tências do século XXI". Coll (2009) defende que essa mudança depende do contexto de uso desse tipo de tecnologia, proporcionando-se atividades diferentes dos habituais, colocando-as a favor dos processos de ensino e de aprendizagem, de professores e alunos.

É claro que não se pretende argumentar, aqui, o conceito de cultura digital e sua importância na formação docente. Contudo, é preciso lembrar, que a cultura digital diz respeito aquilo que é produzido no ambiente digital, dentro das características do ambiente digital com suas particularidades, com suas singularidades. O universo digital é muito amplo, muito diverso e ele tem se transformado e o que produzimos no ambiente digital não é uniforme, as produções têm características distintas. Thompson (2008) não sugeriu uma teoria sobre a cultura, tampouco uma compreensão sobre o digital, entretanto, ao tratar de uma teoria social da mídia, nos faz refletir sobre como na modernidade as interações são, cada vez mais, alicerçadas em comunicação mediada.

Com os avanços das tecnologias, com as possibilidades de interação simultânea, as pessoas tinham produtos da cultura digital que estavam mais relacionados com uma interação assíncrona[7] – alguém ia lá comunicar e depois de algum tempo outro vinha e interagia – hoje as pessoas já conseguem produzir essas interações síncronas[8]. Com isso a cultura digital seria, portanto, extensão e combinação de nosso modo de pensar e agir, traduzida no que produzimos e atualizamos, e que é chamado por Lévy (1999) de cibercultura.

Nesse contexto, qual é a importância da escola? A escola existe para nos explicar como o mundo funciona, em que mundo as pessoas estão inseridas, como ele funciona, e porque o mundo é desse jeito. Segundo Sacristán (2008, p. 84):

> A formação do professor deve considerar o significado do que Bourdieu discutiu há muito tempo, o *habitus*, como forma de integração entre o mundo das instituições e o mundo das pessoas. O *habitus* em educação é mais importante do que a ciência e do que os motivos. O *habitus* é cultura, é costume, é conservadorismo, mas é, também, continuidade social e, como tal, pode produzir outras práticas diferentes das existentes.

Se pensarmos nos componentes curriculares escolares veremos que cada um deles assume a responsabilidade para entender como o mundo funciona sobre o olhar das suas especificidades, enfim o mundo em que estamos vivendo está imerso, é um mundo que dialoga, um mundo no qual as culturas digitais estão muito presentes e não dá para ignorar mais que isso existe. As pessoas estão em contato com as culturais digitais, com a interatividade, com as tecnologias digitais e com isso cabe a escola refletir e ensinar a usar de maneira mais consciente, mais crítica, mais produtivas isso que já está imersa no nosso mundo. Como diz Thompson, "capacitando os indivíduos a se comunicarem através de espaço e de tempo sempre mais dilatado" (THOMPSON, 2008, p. 38).

É fundamental que a escola traga essa discussão para aprendermos a usar com consciência, usar com criticidade, deixar fluir realmente, e pensar: como torná-la produtiva para a nossa vida. Lima Junior (2005) argumenta que o docente precisa

[7] Comunicação assíncrona é a que está desconectada do tempo e do espaço. Ou seja, o comunicador e o receptor podem manter relacionamento na medida em que tenham tempo disponível.
[8] Comunicação síncrona é quando temos a oportunidade de falar com alguma pessoa de maneira direta. Ou seja, o emissor passa a mensagem e o receptor responde, sendo que o diálogo ocorre naquele momento.

remodelar sua postura diante do uso das TICs em sala de aula, valorizando o protagonismo do discente em seu processo de aprendizagem.

Alonso, Aragón, Silva e Charzuk (2014, p. 154), complementam:

> Santaella (2008), ao repensar a "estética" à luz das tecnologias remete-nos a algumas de suas possíveis características: o sincrônico que leva a mutações e hibridismos; a remixabilidade; as redes; os ambientes simulados; e o wireless: tecnologias nômades em razão dos equipamentos crescentemente móveis. Mais que traduzir, evidenciar ou definir o que seria "cultura digital", é importante perceber que os elementos e características até o momento postos, adquirem materialidade quando pensados conjuntamente por serem interdependentes, implicando-se mutuamente, por isso a ideia de fluxo que se movimenta a depender da maneira pela qual o conjunto se forma. Daí a complexidade de compreensão do vivido, de como são atravessadas as experiências humanas mediadas tecnologicamente, característica fundamental da "cultura digital".

A Educação contemporânea assume um papel de inspiração. É inspirando pessoas e auxiliando alunos a reconhecerem sua singularidade, além de superar dificuldades de modo a contribuir para que possam atingir seu pleno potencial. De acordo com a segunda competências gerais da BNCC[9] a Educação do século XXI visa formar ao longo da educação básica um ser humano com pensamento científico, crítico e criativo, ou seja, capacidade de investigar os fenômenos, a realidade, mas com toda essa possibilidade de ser criativo, questionador, querer saber mais e ser também criativo.

A escola, de uma forma ou de outra, no ritmo possível, com mais ou menos ousadia tenta entender e usar as tecnologias. Mas o ritmo da evolução tecnológica é sempre mais acelerado do que a capacidade de qualquer setor, não apenas o educacional, de assimilar as mudanças. Não queremos dizer com isso que não houve falhas ou excesso de preciosismo dos tomadores de decisão da escola: a diferenças na adoção de tecnologias no mercado educacional, quando comparado a outros segmentos de atividade, é gigante. As consequências dessa diferença são cobradas de cada um de nós, em cada escola, em cada aula.

[9] As 10 competências gerais da BNCC falam de que ser humano é esse que desejamos formar ao longo da Educação Básica. Ela diz respeito a todo percurso da Educação Infantil ao Ensino Médio. As 10 competências vão dialogar sobre as capacidades que os alunos precisam desenvolver para serem capazes de desenvolver uma sociedade mais solidária, mais produtiva, inclusiva, democrática e sustentável.

A revolução tecnológica que, desde o final do século 20, vem transformando as comunicações, o setor bancário, o de serviços, além dos padrões de consumo e de comportamento das últimas duas gerações, pelo menos, tem muito pouco impacto nos processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Tanto que a maior parte das crianças e jovens continua aprendendo da mesma forma que muitas décadas atrás, desenvolvendo habilidades e competências que não exatamente as preparam para o mundo tecnológico, conectado, complexo, digital e imprevisível em que vivemos, e todas as potencialidades que ele desencadeia.

Aprender a aprender, dentro ou fora da escola, é uma tarefa que cada ser humano terá de realizar para o resto da vida. Embora esse processo comece muito cedo, no âmbito familiar, cabe à escola grande parte da responsabilidade de ensinar a aprender e estimular a busca pelo conhecimento cada vez mais acessível. Essa reconfiguração dos espaços presenciais e virtuais, do alcance e das possibilidades de aprendizagem, entretanto, representa um desafio para a escola, para a família e para os alunos, todos inseridos em um novo contexto no qual o aprender deixa de ser estar organizado ao redor de um modelo institucional estável e pode se dar a qualquer tempo e em qualquer lugar.

A aprendizagem ocorre ao longo da vida, conceito que a Organização das nações Unidas para a Educação, Ciência e cultura (Unesco) define como “[...] realizada por toda pessoa desde o nascimento até a morte , em qualquer idade, em âmbitos formais, não formais e informais de aprendizagem (a família, a comunidade, o sistema escolar, o grupo de pares, os meios de informação, o sistema político, a participação social, o jogo, o trabalho, a leitura e a escrita etc.) e recorrendo a todos os recursos socioculturais a seu alcance”, impõe-se cada vez mais. Ainda assim, a escola continua e continuará a desempenhar um papel fundamental de formação na Educação Básica. Segundo Delors:

> A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial… A formação contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor econômico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer (DELORS, 2003, p. 160).

Observando iniciativas inovadoras que têm aparecido na Educação, ganhando eco e impulsionando a aprendizagem, e a Educação em geral, para fora das instituições tradicionais, a primeira pergunta a se fazer é: como se encontra a escola diante desse novo momento? Como tem reagido à dificuldade de se inserir no mundo atual e de incorporar em as práticas as tendências que definem a Educação contemporânea, como, por exemplo, ser “tecnológica”, divertida, personalizada, relevante, colaborativa e multimodal”? Em ambientes digitais se observa a multimodalidade, ou seja, as informações são apresentadas usando não apenas elementos linguísticos como palavras, frases, mas também animações, vídeos, sons, cores, ícones. Saber ler e produzir textos explorando essas linguagens faz parte das competências dos digitalmente letrados, com exigências sociais e motivações pessoais cada vez mais precoces.

O desafio que se impõe na esfera da Educação afeta a todos que buscam encontrar caminhos para uma participação ativa na construção do futuro. No âmbito da escola, grande parte dele encontra-se no questionamento e na alteração de papéis e dinâmica arraigadas, não só nas propostas pedagógicas, mas também em relação a espaço, organização, hierarquia, relacionamento com pais e alunos, sua práxis.

4. METODOLOGIA

Considerando que o objetivo principal desta pesquisa é investigar o contexto de formação de professores do Ensino Fundamental de que forma práticas metodológicas que façam uso do livro didático podem ser favorecidas pelo uso de recursos digitais, foi realizado uma pesquisa-ação, dessa forma foi possível usufruir da possibilidade de produzir conhecimentos e ampliar o olhar sobre as informações do coletivo. Existe uma estreita relação entre pesquisa e prática nessa metodologia, uma vez que envolve conhecimento teórico e ao mesmo tempo a participação dos envolvidos

A pesquisa tem natureza aplicada, com uma abordagem qualitativa. Quantos aos objetivos a pesquisa é exploratória, dessa forma busca-se investigar o papel formador do professor no contexto da capacitação e formação profissional visto como mediador no processo de ensino-aprendizagem. Ainda sobre o enfoque metodológico, segundo Bauer & Gaskell (2002), se comparado ao quantitativo o método qualitativo é intrinsecamente mais crítico e emancipatório, já que defende a necessidade de compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo.

Nessa pesquisa, busca-se refletir sobre relação do professor com o uso de recursos digitais no trabalho em sala de aula e os processos de aprendizagens e vivências contemporâneas que compartilham no contexto de sala de aula sob influência dos desafios da cultura digital.

A partir do espaço de interação mais flexível porque, afinal, este serão os sujeitos a lidar com os jovens reconhecidos como “nativos digitais” (PRENSKY, 2001), pois para o aluno, tão importante quanto pensar no que está fazendo, é sentir o que está fazendo (BARBOSA e MOURA, 2013).

Camas (2013, p. 186), afirma que um desafio da educação na atualidade está em formar os futuros professores e os já atuantes na educação a entenderem e fazerem uso significativo das potencialidades tecnológicas na realização de suas aulas, não basta compreender e utilizar recursos tecnológicos é preciso produzir conhecimento a partir das tecnologias.

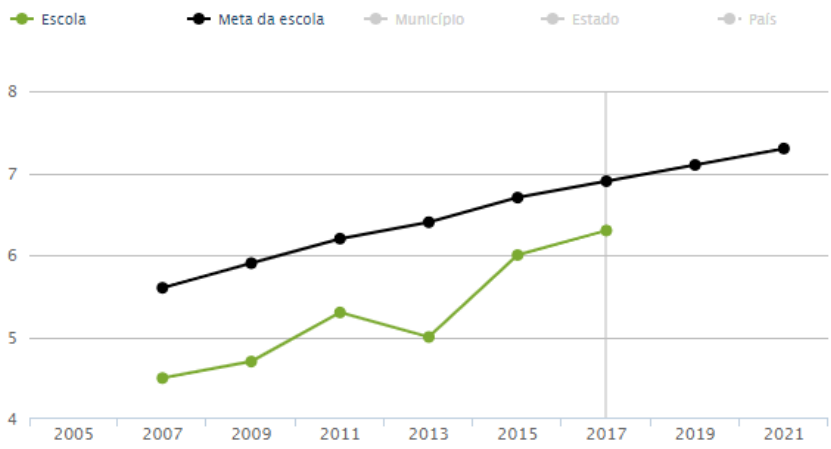
Na perspectiva da pesquisa qualitativa, optou-se como estratégia o uso de dois métodos distintos, porém qualitativos: a realização de questionário e a pesquisa-ação, uma abordagem de pesquisa experimental de campo, assumindo como finalidade a melhoria da prática educativa docente (FRANCO, 2005). Os resultados alcançados foram apurados a partir da análise crítica das conversas.

4.2 Local da pesquisa

Dessa maneira, a presente pesquisa ocorreu no ano de 2019. Os convidados a integrar a pesquisa são professores de 2 escolas públicas localizadas na 2ª e 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) do município do Rio de Janeiro. A pesquisa conta com a participação de 20 professores, para efeito de apresentação serão nomeados como professores da 2ª CRE e professores da 8ª CRE, para desenvolver reflexões acerca do saber fazer, a partir dos questionamentos elaborados na construção da presente pesquisa. O critério para a seleção dos participantes foi atuar como professor do Ensino Fundamental.

A escolha por essas duas escolas se deu por conta do meu relacionamento profissional já estabelecido com as escolas e, também por parte delas que externaram o interesse em participar da pesquisa como objeto de estudo.

A Escola Municipal da 2ª CRE está localizada no bairro da Gávea - Rio de Janeiro. A escola municipal possui 336 alunos (segundo dados do Censo Escolar de 2018) em Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais. O Ideb 2017 nos anos iniciais da rede municipal cresceu e alcançou 6,0, mas não atingiu a meta.

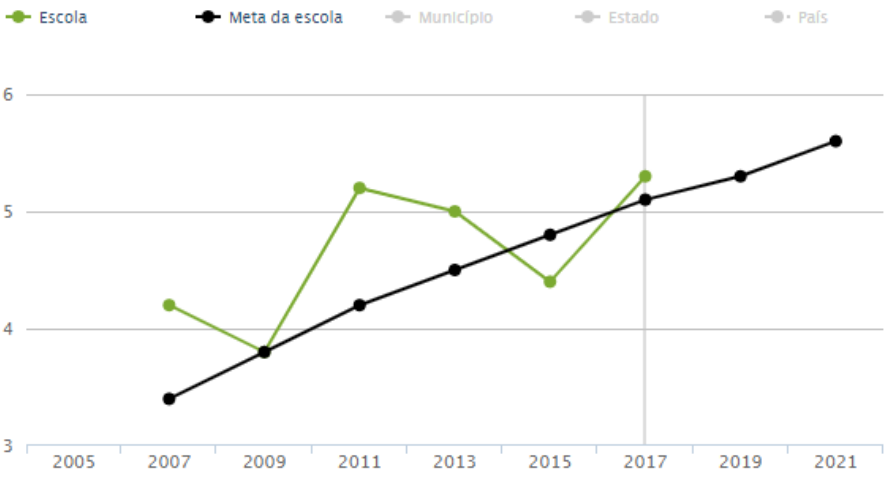


Evolução do IDEB
Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).



Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

O CIEP (Centros Integrados de Educação Pública) municipal da 8ª CRE está localizada no bairro de Bangu - Rio de Janeiro. O CIEP municipal possui 453 alunos (segundo dados do Censo Escolar de 2018) em Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais. O Ideb 2017 nos anos iniciais da rede municipal atingiu a meta e cresceu, mas não alcançou 6,0.



Evolução do IDEB
Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

[10] O indicador de aprendizado varia de 0 até 10 e quanto maior, melhor. A nota padronizada em português e matemática de acordo com a Prova Brasil. O indicador de fluxo – 0,96, indica que a cada 100 alunos, 4 não foram aprovados.



[11]

Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

O Ideb foi criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Esse órgão é uma autarquia do Ministério da Educação (MEC). O Ideb é um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população. É um dado concreto, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias.

Ressalta-se que as escolas participantes desta pesquisa foram bem no Ideb. A partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep.

Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. As médias de desempenho utilizadas são as da antiga Prova Brasil (que agora se chama Saeb) para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos.

Na criação do Ideb, foram calculadas metas de melhoria da Educação. Ou seja, se o País tem mais estudantes com boas notas e mais aprovados na escola, isso é sinal de que houve melhora no aprendizado e no sistema educacional. O Ministério da Educação (MEC) tem metas para cada uma das escolas e para os municípios, estados e para a federação.

O objetivo principal, segundo o MEC, é que o Brasil conquiste 6 pontos no Ideb da primeira etapa do Ensino Fundamental até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil. Essa nota é equivalente à média dos estudantes dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em 2005, primeiro dado disponível (e anterior à criação do Ideb, em 2007), a nota do Brasil para essa etapa do ensino era 3,8.

[11] Indicador de fluxo – 5,3, a cada 100 alunos, 3 não foram aprovados

As escolas com maior dificuldade, as metas preveem um esforço mais concentrado, para que elas melhorem mais rapidamente, diminuindo, assim, a desigualdade.

4.3 Procedimento para produção de dados

A partir do convite, enviado por *WhatsApp*[12], faço uma breve introdução à pesquisa. No convite segue a indicação do hyperlink para o questionário on-line. Para esse primeiro momento, foi utilizado como instrumento de produção de dados o questionário, composto de 20 questões de respostas fechadas, semifechadas ou abertas, com respostas binárias, de múltipla escolha exclusiva, de múltiplas escolhas concomitantes, de ordenamento de preferência ou discursivas. Esse instrumento autoaplicável de produção de dados permite aos participantes lerem as perguntas e responderem de forma direta e autônoma. A partir das respostas, busca-se conhecer os perfis pessoais e profissionais dos professores e analisar qualitativamente a influência da formação docente e sua atuação profissional.

A partir da aceitação e resposta do questionário busquei desenvolver uma conversação mais dinâmica com os professores participantes da pesquisa, através de uma sala de bate papo no *WhatsApp* e de encontros presenciais ao longo da pesquisa, pois a finalidade da pesquisa não é obter números de opiniões, mas de explorar as opiniões acerca do assunto em questão, é nesse momento que será lançado as entrevistas.

Para o segundo momento, a abordagem pensada é a da pesquisa-ação, a escolha tem a ver com a dinâmica de princípios e práticas dialógicas pensada e entendida pela pesquisa-ação, segundo Lewin (1965) a pesquisa-ação é um processo cíclico, ou “em espiral” que envolve três fases: planejamento, reconhecimento da situação; tomada de decisão e encontro de fato sobre o resultado da ação. Os fenômenos sociais só se revelam aos pesquisadores quando eles estão dispostos a

[12] Aplicativo para celulares multiplataforma utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à *internet*.

se engajarem pessoalmente, observando, diagnosticando e intervindo nos processos de pesquisa (LEWIN, 1965). Dessa forma, na pesquisa-ação

> [...] seja como for, podemos considerar que a pesquisa-ação opera a partir de determinadas instruções (ou diretrizes) relativas ao modo de encarar os problemas identificados na situação investigada e relativa aos modos de ação. Essas instruções possuem um caráter bem menos rígido do que as hipóteses, porém desempenham uma função semelhante (THIOLLENT, 2000, p. 33).

Como explorar, optei, na presente pesquisa, a tentar compreender os questionamentos de como pensar em formação docente considerando as inovações tecnológicas disponíveis que exercem forte atrativo sobre o aluno, no ambiente escolar. Além de pensar em práticas pedagógicas que potencializem a aprendizagem dos alunos com essa oferta de inovações tecnológicas.

Dessa forma, ainda como segundo momento, busca-se elaborar uma proposta de formação continuada, uma estrutura de ação que permita refletir acerca do uso de recursos digitais que ampliem e qualifiquem as práticas pedagógicas dos professores. Uma construção em conjunto com os docentes participantes. Feito isso, implementar a oficina de formação continuada, potencializando a construção de concepções curriculares, relacionando novas práticas pedagógicas a educação contemporânea e discutir os resultados alcançados.

Assumo ainda que este trabalho é fruto de uma relação intensa com meu objeto de estudo, pois como assessora pedagógica a formação continuada faz parte do meu dia a dia, acompanhando a realidade e os desafios que a profissão docente enfrenta no cenário atual. Dessa forma, busco refletir sobre os limites e as possibilidades que as novas tecnologias oferecem no sentido de configurar meu próprio ofício de formadora.

5 Resultados e discussão

5.2 Coleta de material

A fim de compreender a realidade dos professores pesquisados, foi necessário um tempo de interação e observação por parte do pesquisador, a fim de entender a realidade a ser pesquisada. O trabalho de investigação qualitativa é entender globalmente as categorias que mobilizam os atores para compreender a realidade e para atuar sobre a realidade (ZANTEN, 2004, p.31).

Os dados foram produzidos por meio de questionário com perguntas abertas, fechadas e semifechadas, aplicado aos participantes com o objetivo de conhecer os perfis pessoais e profissionais dos professores e analisar qualitativamente a influência da formação docente e sua atuação profissional, as estratégias didáticas utilizadas pelos professores na prática pedagógica e o entendimento dos professores em relação a cultura digital.

Após o levantamento desses dados, eles foram representados através de gráficos e apresentados na sala de bate papo, no WhatsApp, o objetivo foi desenvolver as primeiras reflexões acerca dos questionamentos elaborados a partir das respostas obtidas.

A metodologia apresentada nesta pesquisa, foi a pesquisa-ação, em uma análise crítica das conversas, segundo Nolasco (2019, p.38) “Conversar é, antes de qualquer coisa, dar-se ao encontro com outros, é permitir afetar-se pelo que diz o outro, é produzir efeitos através de atos de enunciação responsiva”, ainda de acordo com Nolasco (2019, p..38) “Conversar tem a ver com aproximar abismos, criar caminhos comuns ou, ao contrário, provocar fissuras, desestabilizar territórios, bagunçar paisagens. Uma conversa não começa e nem termina, é a continuidade da vida, é o fluxo discursivo feito de emendas”.

A escolha por esse procedimento se deu pelo entendimento que o pesquisador tem a possibilidade de intervir e desenvolver mudanças no contexto da realidade pesquisada. A ênfase da pesquisa encontra-se no processo, e não no resultado. O

objetivo foi a investigação, na formação continuada dos professores frente aos desafios da cultura digital, se a formação contribui para o amadurecimento dos docentes, tornando o processo de ensino eficaz. Como o digital está sendo trabalhado e vivenciado pelos docentes e alunos, se a tecnologia utilizada está agregando conhecimento, ou apenas sendo usada para sanar dúvidas que possam surgir.

Foram formados dois grupos, com 10 componentes cada um, para desenvolver as reflexões acerca dos questionamentos elaborados na construção da pesquisa. O convite foi feito aos professores e o critério para juntar-se ao grupo foi o de que todos os professores deveriam atuar no ensino fundamental anos iniciais.

5. 3 Análise de material

Segundo Ferreira (2006, p. 19-20):

> A formação continuada é uma realidade no panorama educacional brasileiro e mundial, não só como uma exigência que se faz devido aos avanços da ciência e da tecnologia que se processaram nas últimas décadas, mas como uma nova categoria que passou a existir no "mercado" da formação contínua e que, por isso, necessita ser repensada cotidianamente no sentido de melhor atender a legitima e digna formação humana. (FERREIRA, 2006, p. 19-20)

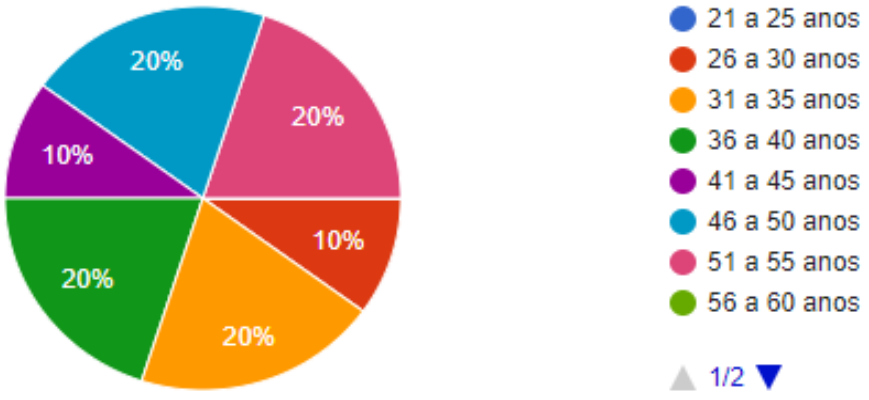


Figura 1 - Idade

A idade dos participantes variou de 26 a 55 anos (figura 1).

Os professores participantes da pesquisa tinham de 6 a mais de 21 anos de magistério (figura 2). Estes professores atuam em lócus da pesquisa, no ensino fundamental anos iniciais.

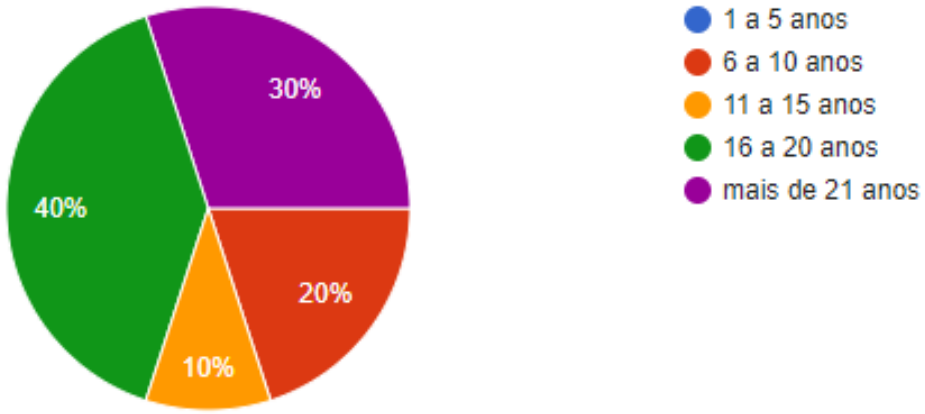


Figura 2 - Tempo no magistério

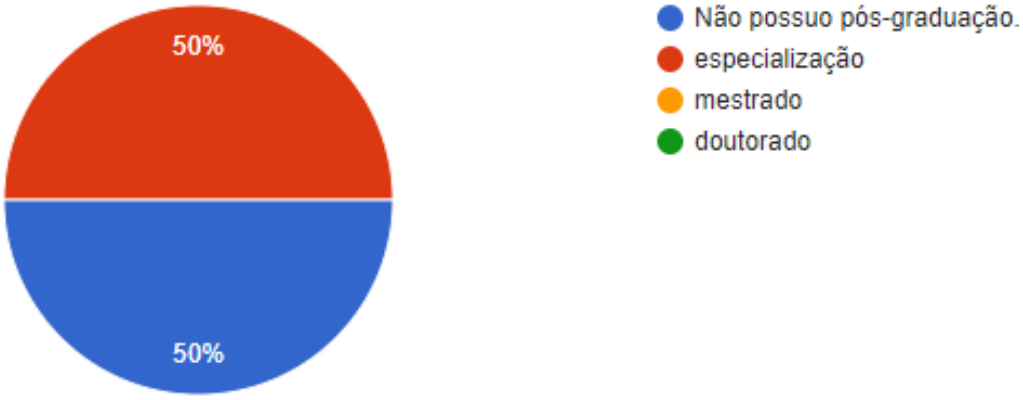


Figura 3 - Pós-graduação

Dentre a formação dos participantes tivemos: Educação Física, Geografia, História, Matemática e Pedagogia. Dos participantes 50% possuem pós-graduação lato sensu (figura 3).

A área de conhecimento da graduação dos professores pesquisados foi 80% ciências humanas e sociais, 10 % ciências biológicas e da saúde e 10% ciências exatas e da natureza (figura 4).

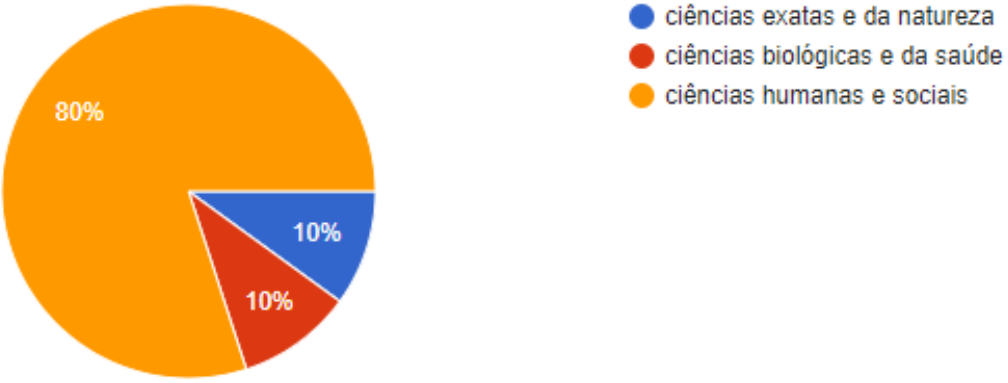


Figura 4 - Área de conhecimento da graduação

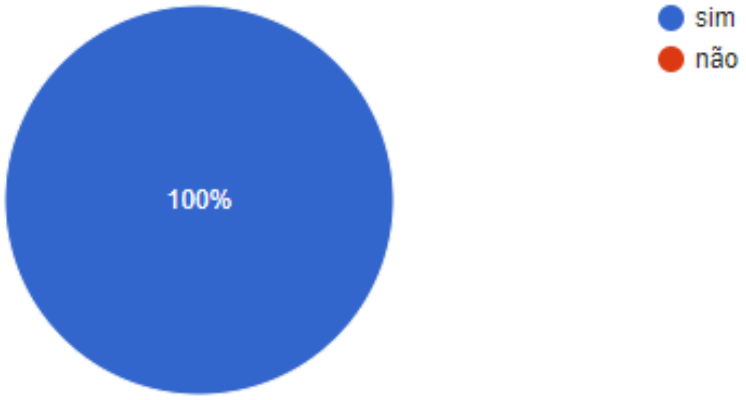


Figura 5 – Professor que gostaria de ser o seu aluno

Uma informação importante coletada na pesquisa diz respeito a seguinte pergunta: Você gostaria de ser o seu aluno? Dos 100% dos professores pesquisados afirmaram que sim (figura 5).

“Amo dar aulas!” (Participante da pesquisa)

“Gostaria de ser minha aluna porque sou uma profissional comprometida com o fazer pedagógico.” (Participante da pesquisa)

“Dou o meu melhor para meus alunos.” (Participante da pesquisa)

“Trato meu aluno da forma como eu gostaria de ser tratada, com respeito, carinho e atenção.” (Participante da pesquisa)

“Construo vínculos com meus alunos. Acredito na afetividade.” (Participante da pesquisa)

“Porque sou uma boa professora e meus alunos gostam da minha aula.” (Participante da pesquisa)

“Pelo compromisso, dedicação e responsabilidade no exercício de educar e pela maneira de mediar o processo de construção do conhecimento.” (Participante da pesquisa)

“Busco o melhor para minhas aulas.” (Participante da pesquisa)

“Procuro ser amiga, justa e ter empatia.” (Participante da pesquisa)

“Pela aplicação metodológica na qual incentiva e leva a processos reflexivos.” (Participante da pesquisa)

Figura 6 - Você gostaria de ser o seu aluno.

Uma informação importante coletada na pesquisa diz respeito a seguinte pergunta: Você gostaria de ser o seu aluno? Dos 100% dos professores pesquisados afirmaram que sim (figura 5). Perguntados para justificar porque gostariam de ser o seu aluno, segue os relatos (figura 6). Diante das respostas apresentadas, fica evidente que não há regras para organizar e descrever a atuação dos professores que precisa, ao mesmo tempo, ter clareza de objetivos e de sua intervenção pedagógica,

mas também flexibilidade e sensibilidade. Contudo, a formação continuada do professor é hoje compreendida como processo permanente de desenvolvimento do fazer docente: com estudos, atualizações, discussões e trocas de experiências.

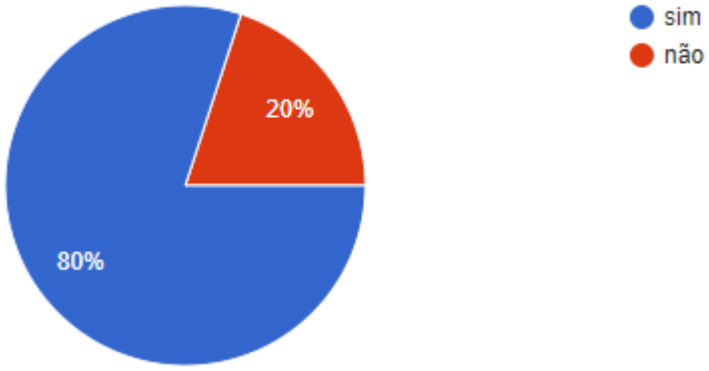


Figura 7 - Realizou um curso de formação continuada

Como afirma Hengumuhle (2008, p. 84) “a pós-modernidade certamente trouxe aos professores desafios nunca vistos e enfrentados nos momentos históricos anteriores”. Por isso, se faz necessário pensar em formação continuada para os docentes. Dos participantes 80% já realizou um curso de formação continuada (figura 7). Questionados sobre como classificaria sua experiência como participante de um curso de formação continuada, 70% afirmaram que a experiência foi boa, 20% que foi excelente e 10% nunca participou de um curso de formação continuada (figura 8).

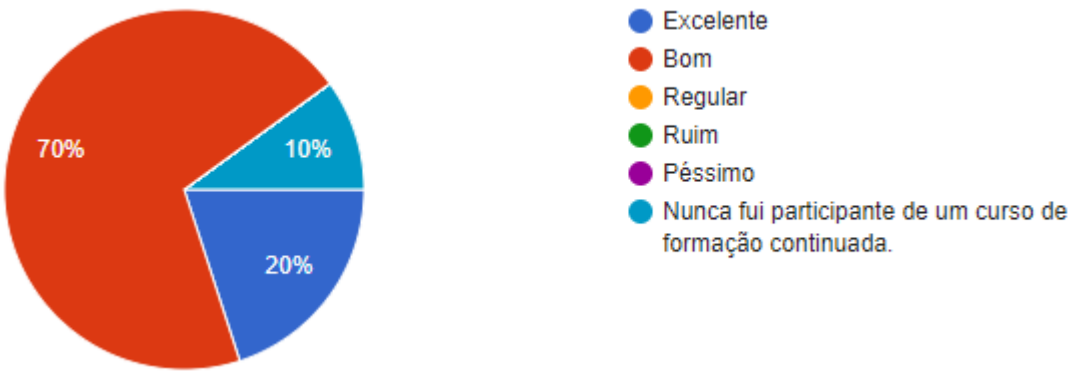


Figura 8- Classificação da experiência como participante de um curso de formação continuada

Neste sentido Moran (2004, p.3) pergunta e responde" O que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade? Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isto é incontestável". Neste contexto a formação continuada dos professores precisa fazer sentido para sua prática docente. Freire (1996, p. 76) aponta que: "outro saber fundamental a experiência educativa é o que diz respeito à natureza […] preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática".

Perguntado como os participantes avaliam a formação que obteve até hoje para exercer a função de professor, o resultado também apresenta uma necessidade de rever o que apreendido nos cursos de formação continuada (Figura 9). Segundo Castro (2002, p.11) "[…] de um modo geral, a evolução do Ensino Normal foi lenta e por muitos anos limitada a oferecer ao professor uma formação à curto prazo".

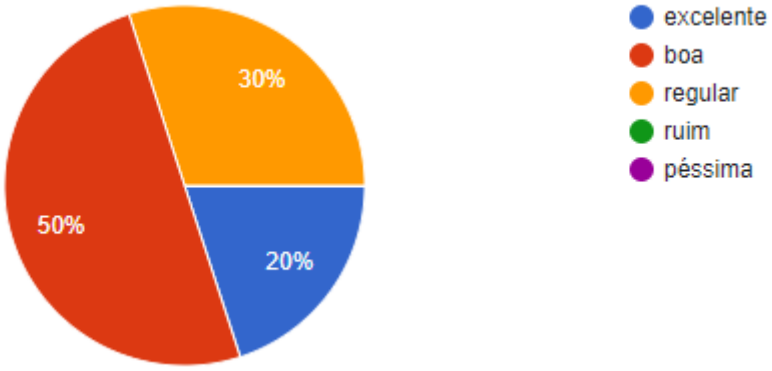


Figura 9 - Avaliação da formação que obteve até hoje para exercer a função de professor

De acordo com Christov (1996, 44): "A formação continuada se faz necessário para atualizarmos nossos conhecimentos, principalmente analisarmos as mudanças que ocorrem em nossa prática, bem como para atribuirmos direções esperadas a essas mudanças".

Neste sentido, Libanio (2001, p. 14) aponta: "Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas e profissionais, religiosas e de compromisso com a formação da sociedade em que vive."

Um dos aspectos do letramento amplificado pelos ambientes digitais é o acesso à informação. A internet é um espaço no qual todas as pessoas conectadas podem postar conteúdos – em blogs, sites ou nas redes sociais. Sendo assim, há muita informação disponível, além de ter senso crítico para avaliar o que se encontra. A figura 10 apresenta a utilização da internet pelos professores pesquisados levando em consideração 1 como raramente e 5 frequentemente durante o dia.

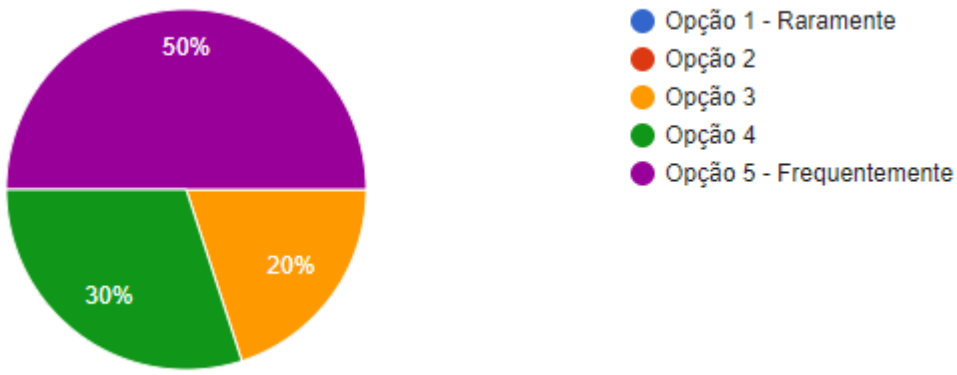


Figura 10 – Utilização da internet durante o dia

O questionário buscou saber quando os professores pesquisados utilizam a internet onde costuma buscar novidades (figura 11). Alguns professores complementaram informando outros locais, tais como: *Livros digitais; Pinterest; Blogs; Google Classroom; Sites de revistas educativas; Rio educa; Domínio público*. Teve outros professores que informaram: *Não há; não utilizo*.

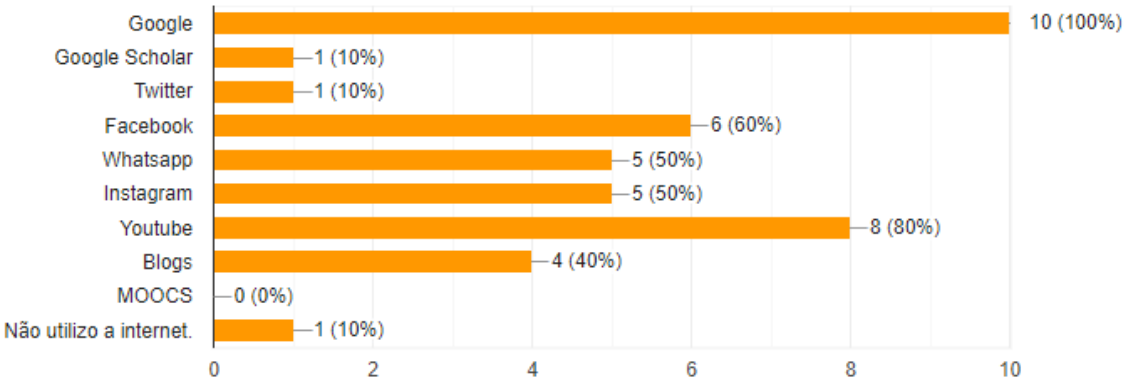


Figura 11 – Local de buscas na internet

Levando o professor a repensar a sua atuação em sala de aula e os enormes desafios profissionais que enfrenta a fim de atender as exigências do cenário atual. Perguntados sobre quais são os desafios que a profissão docente enfrenta no cenário atual, os professores participantes responderam (figura 12). As respostas foram:

- Dificuldade em utilizar as ferramentas tecnológicas, no sentido técnico e operacional
- Falta de conhecimento em relação as possibilidades que as ferramentas e recursos digitais podem ofertar ao processo de ensino-aprendizagem
- Excesso de informação e pouco aprofundamento com relação as ferramentas e recursos digitais
- Ter a atenção dos alunos, pois os mesmos estão dispersos frente à informatividade e o entretenimento da cultura digital

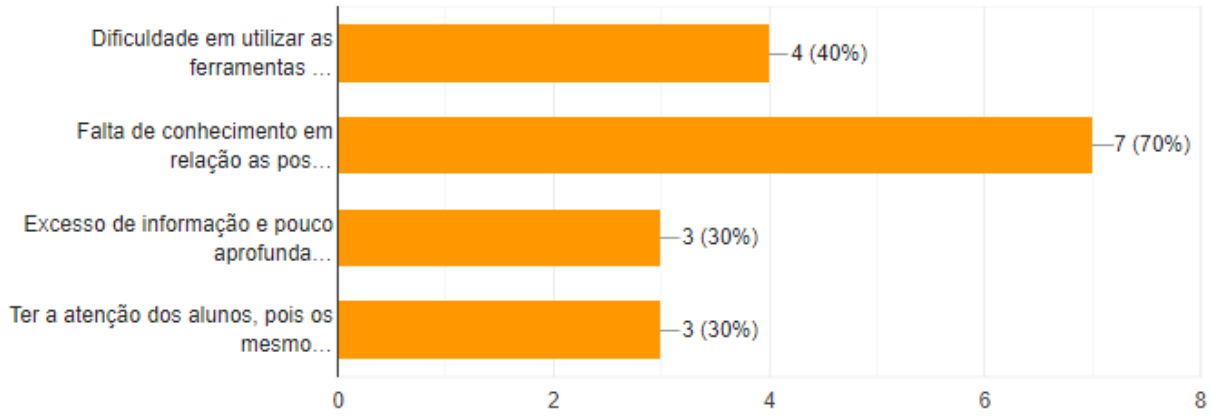


Figura 12 - Desafios que a profissão docente enfrenta no cenário atual

5.4 Oficinas de práticas pedagógicas

“É necessário (...) que os cursos de formação ofereçam condições para que os futuros professores aprendam a usar tecnologias de informação e comunicação, cujo domínio é importante para a docência e paraas demais dimensões da vida moderna”.
(BRASIL, 2001, p. 45).

Todo professor é um eterno aprendiz. “A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (FREIRE, 1996, p. 5). Nestes tempos modernos a capacitação constante não é uma escolha, é necessidade. Preparamos pessoas para a vida contemporânea de hoje e para profissões de amanhã. As coisas estão mudando rapidamente, precisamos de espaços para conversar, conhecer e entender novas ferramentas, métodos, exemplos do que deu certo. O professor aprende a cada dia coisas novas. Nunca sabemos tudo e a cada dia uma nova descoberta.

No primeiro momento com o grupo o intuito foi ouvi-los refletindo sobre seus repertórios, desafios e percepções que enxergam diante das possibilidades da rede para a formação docente, independentemente de sua formação. A partir dos sentidos produzidos pelos professores no contexto dos grupos, foi possível organizar o trabalho.

A formação foi promovida com os professores a partir de um portfólio divido em palestras e oficinas com temáticas sobre a cultura digital, temática atual no cenário educacional brasileiro e as reflexões com os professores foi conduzida por meio de roteiro com questões problematizadoras lançadas para o debate. A discussão com os docentes foi capturada com um gravador de áudio para análise posterior das falas.

Na escola, presencialmente, foi desenvolvido por mim a formação continuada dos professores, a pesquisa foi realizada em 3 encontros, que tiveram duração de 4 horas/aula cada, totalizando 12 horas/aula.

Oficinas de Práticas Pedagógicas					
Encontro Presencial	Tema	Ementa	Carga horária	Apresentação	
				Teórica	Prática
1º	A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.	Um novo conceito ensinado deve se ancorar naquilo que o estudante já conhece. Fazer conexões com o que é vivido ou conhecido pelos estudantes.	4h	Sim	Sim
2º	- Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - A formação de professores e gestores de ensino a luz da BNCC - Cultura Digital: um diálogo com a BNCC	- Discutir quais são as diretrizes da BNCC e como elas podem ser incorporadas no fazer pedagógico. - Competência sobre conhecimento e cultura; sobre autonomia do estudante e sobre comunicação e relacionamento - Aprendizagem Interativa	4h	Sim	Sim
3º	- Novas Metodologias	Estabelecer relações entre as áreas do conhecimento e proporcionar ao ensino uma visão mais ampla, dinâmica e reflexiva.	4h	Sim	Sim

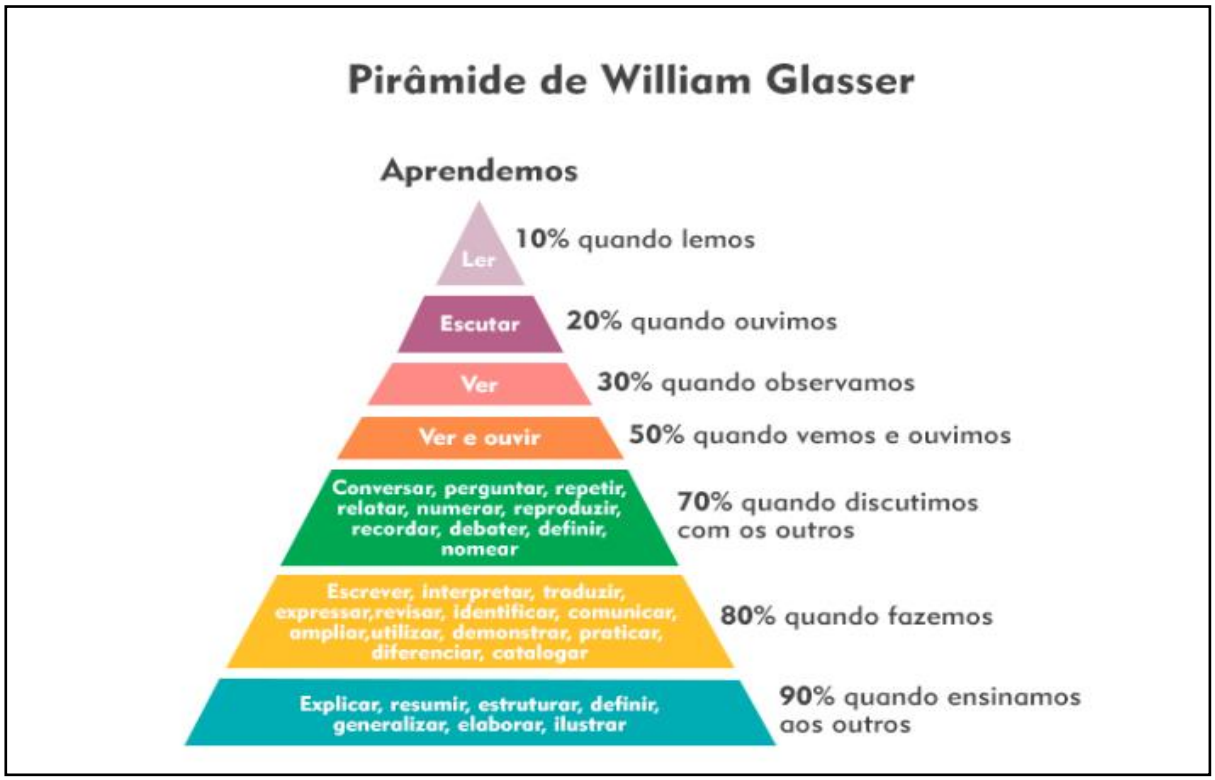
Fonte do autor 2019.

Já na nossa sala de bate papo, no *WhatssApp*, fazíamos trocas de atividades relacionadas as novas práticas docentes, e que não foi considerado a duração horas/aula, pois a ideia era compreender o processo e não o resultado.

Iniciamos o nosso primeiro encontro com a temática “A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula” trazendo como ponto de partida a Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser[13]. A proposta foi discutir a pirâmide de William

[13] William Glasser (1925-2013) foi um psiquiatra americano cujas teorias foram aplicadas também na educação. Entre elas, a Teoria da Escolha, segundo a qual nenhum ser humano é totalmente desmotivado; ninguém, no fundo, deseja o seu próprio fracasso. Todo estudante tem a necessidade fundamental de aprender. Todo mundo gosta de aprender.

Glasser fomentando atividades que promovem potencialidade ao desenvolvimento do cognitivo dos alunos.



Se as aulas produzem tédio, se os trabalhos são maçantes, monótonos, cansativos é natural que os alunos busquem fora da escola um aprendizado mais interessante e significativo, de acordo com a Teoria de Escolha, o professor é um guia para o aluno e não um chefe.

O professor, muitas vezes, foca suas estratégias pedagógicas em apresentar, explicar e ou exemplificar o conteúdo trabalhado. O que foi proposto, é que eles possam ir além dessa prática, no sentido de trazer o aluno para o processo de interiorizar o que ele realiza de forma externa, dando sentindo ao que está sendo apreendido. Por exemplo, quando ele realiza uma pesquisa na internet, a atividade pode ser apenas copiar as informações encontradas. Esse tipo de atividade não favorece a aprendizagem, logo o contexto não contribui para dar sentido a aprendizagem.

O que foi proposto é que ao intervir do professor ele seja um mediador, um facilitador do processo de construção do saber, orientando caminhos para que o aluno

possa compreender, estabelecer relações entre as informações obtidas e aquilo que ele já sabe, de forma a construir novo conhecimento.

Imagem 4: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.



Fonte do autor 2019.

Imagem 5: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.



Fonte do autor 2019.

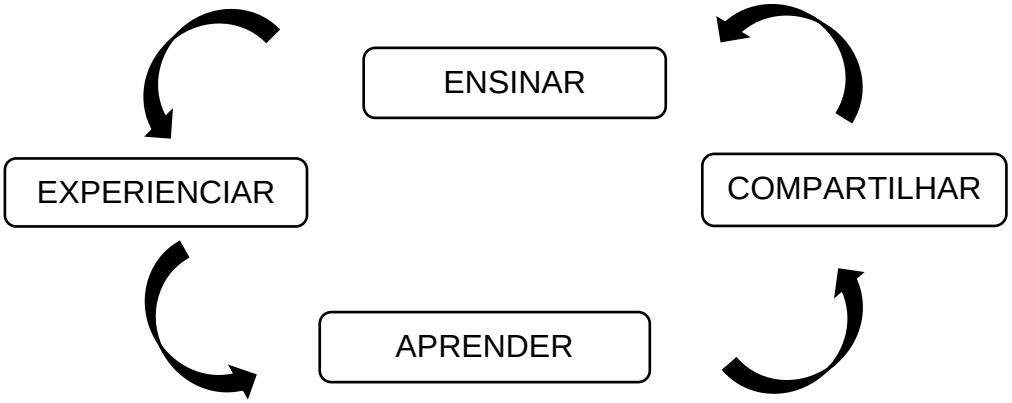
Imagem 5: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.



Fonte do autor 2019.

A interação entre os professores, promoveu uma observação de ideias novas e originais, além da conquista pelo pesquisador, de conhecimentos diretos em relação às atitudes, expressões orais e corporais dos professores. A escola do século XXI não é mais um espaço onde se ensina e aprende. Mas um lugar onde alunos e professores compartilham conhecimentos, ideias, opiniões e onde experienciam suas relações, o aprendizado, as negociações. A sala de aula torna-se um ateliê. Um ateliê onde ideias e experiências são compartilhadas mutuamente.

Imagem 6: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.



Fonte do autor 2019.

Imagem 7: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.



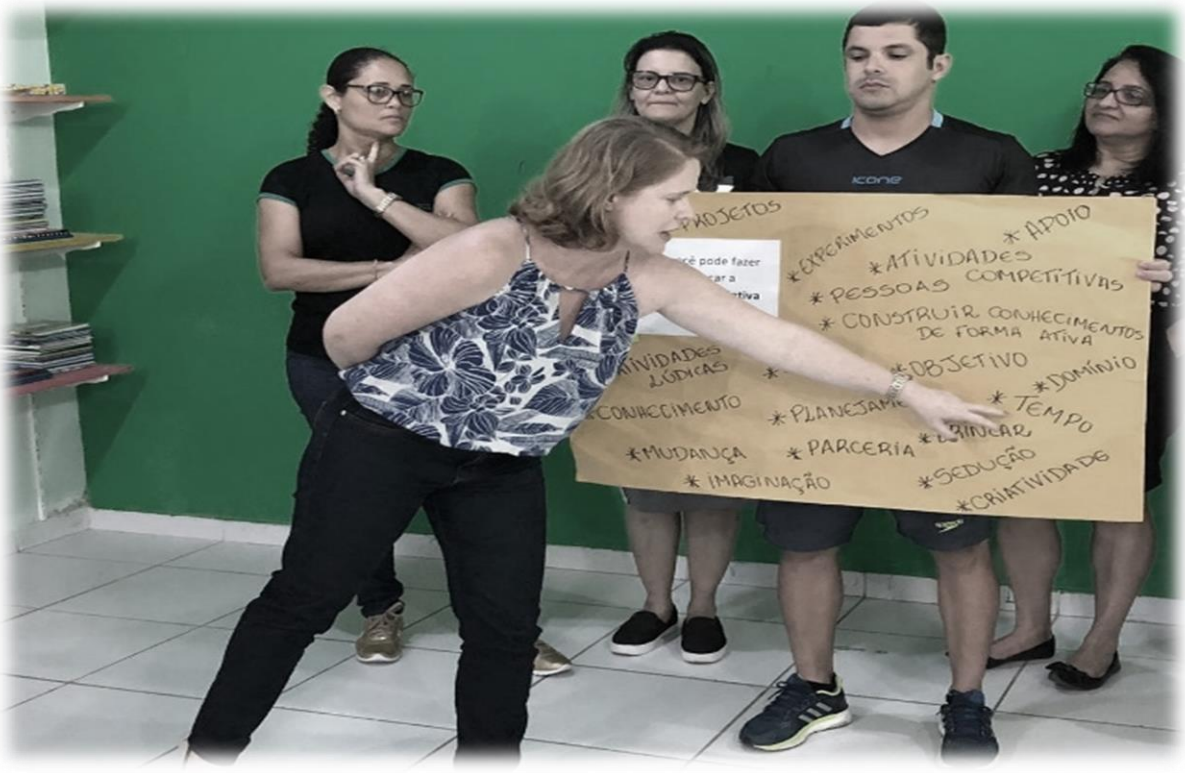
Fonte do autor 2019.

O processo de formação é contínuo, precisamos colocar em prática o ensinar / o experienciar / o aprender / o compartilhar.

> [...] como espaço formativo de construção/reconstrução do saber pedagógico de um corpo docente que troca experiências e resgata histórias de vida na perspectiva de experiências e saberes compartilhados na interlocução e de ações em parceria. Formar em continuidade professores que aprendem das próprias experiências na interlocução de seus saberes práticos é formar professores-pesquisadores na busca de entenderem o que fazerem como corpo docente, como comunidade de educadores (MARQUES, 2000, p. 85).

Vivenciamos neste primeiro encontro a ideia de transformar informação em conhecimento, de modo a usar, a potencializar a aprendizagem, ser capaz de conseguir que o aluno goste daquilo que, no princípio, não gostava.

Imagem 8: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.



Fonte do autor 2019.

Imagem 9: A aprendizagem significativa no contexto da sala de aula.

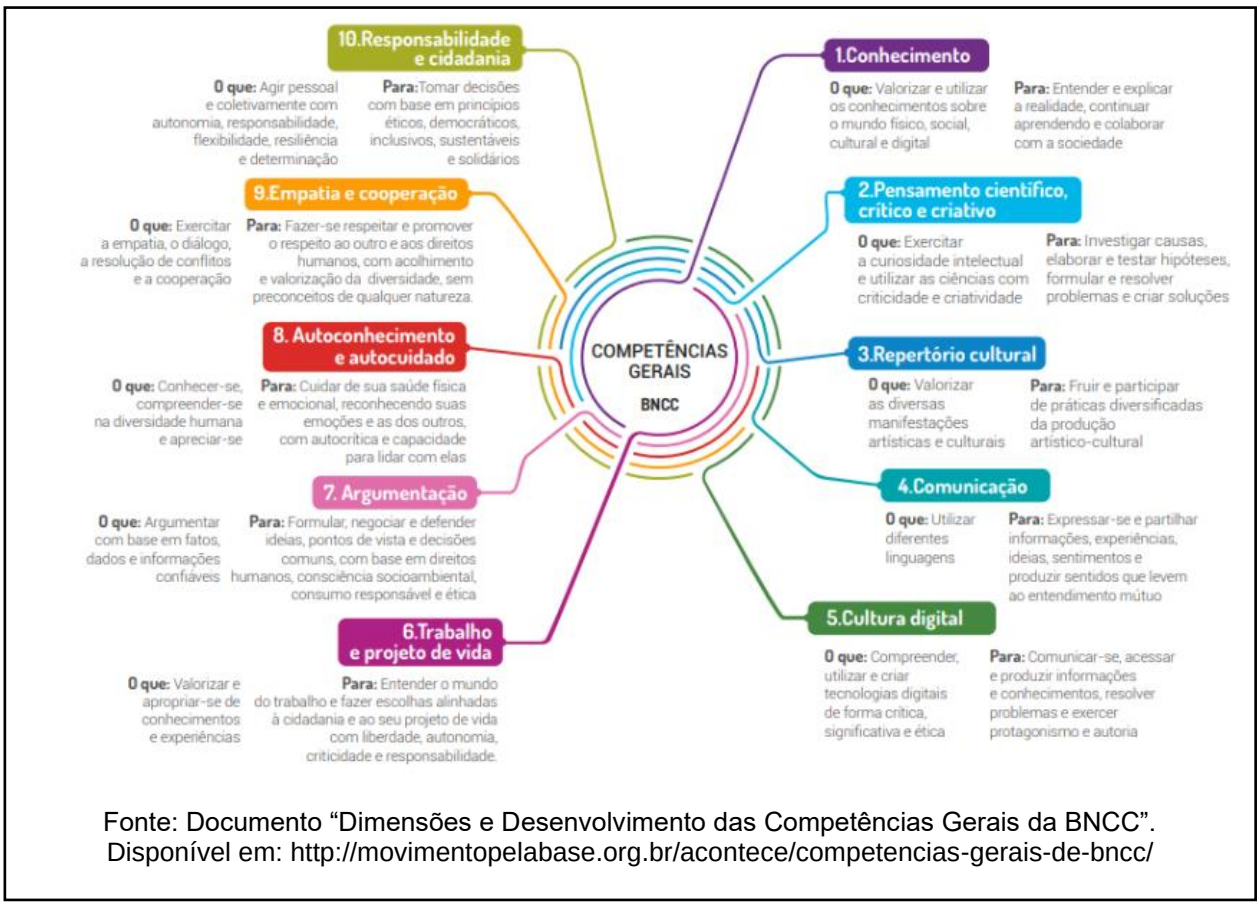


Fonte do autor 2019.

O fazer docente possui saberes próprios, em contextos diferentes o saber docente foi potencializado a partir das reflexões promovidas pelas oficinas. Num sentido múltiplo no qual o professor necessita trabalhar com um repertório de conhecimento, competência, habilidade, metodologia e teoria para dar sentido ao ensino-aprendizagem a formação continuada contribui para o docente educar o sujeito aprendente.

Acreditando que a promoção de momentos de trocas sejam fundamentais para novos aprendizados, permitindo que práticas docentes e a cultura digital dê continuidade à formação e o desenvolvimento dos professores, esse primeiro encontro – oficina - possibilitou uma ampliação da cognição a partir dos temas trabalhados. Considerando o contexto foi revelado a possibilidade de nova realidade vislumbrada pelo professor.

A tecnologia possui um papel fundamental, também, na BNCC, de forma que a sua compreensão e uso são tão importantes que uma das 10 competências gerais do documento é a cultura digital e como ela deve ser inserida no processo de ensino e aprendizagem.



Fonte: Documento “Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC”. Disponível em: http://movimentopelabase.org.br/acontece/competencias-gerais-de-bncc/

A BNCC entende e reconhece o papel fundamental da tecnologia e estabelece que estudante deve dominar o universo digital, sendo capaz, portanto, de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes e de compreender o pensamento computacional e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e da sociedade.

A incorporação das ferramentas tecnológicas deverá provocar mudanças efetivas na forma de como se constitui a dinâmica da sala de aula, logo do ensino. Desta forma, o uso da TIC [14] passa a ser um recurso didático-pedagógico no contexto educacional, possibilitando aos alunos e professores a apropriação desta habilidade e competência de forma interativa.

Imagem 10: A formação de professores e gestores de ensino a luz da BNCC



Fonte do autor 2019.

Não menos relevante, outro desafio da BNCC está na formação de professores, como já dito, anteriormente, e essa temática também foi muito dialogada no nosso encontro, que é “A formação de professores e gestores de ensino a luz da BNCC”.

[14] TIC: Tecnologia de Informação e Comunicação

Temos que construir em todas as redes, sobretudo na esfera pública, um plano de formação de educadores amplamente estruturado e direcionado às novas diretrizes, para que eles sejam capacitados a concretizar e contribuir com o que está previsto na legislação e na nova normatização.

Em meio a essa fase de transição, as mudanças em todos os seus aspectos têm que ser graduais, sem romper com o que se conquistou com o modelo de ensino atual.

Nesse cenário, além de bons professores, precisamos de políticas públicas integradoras e de instituições e instâncias representativas da educação formadas nessa nova perspectiva.

Essa temática foi discutida no nosso segundo encontro presencial e demos continuidade na nossa sala de bate papo. E a conversa na sala de bate papo foi produtiva, foi possível tratarmos do novo perfil do aluno, que deixa de ser consumidor de conteúdos prontos e da transformação digital. Quando falado em transformação digital, o que foi altamente levantado pelos professores foi a palavra “tecnologia”, mas entender transformação digital é ir além, numa perspectiva mais ampla, ou seja, tecnologia faz parte do processo de transformação digital, mas ela não contém todo o processo de transformação digital, ela está contida numa mudança de *mindset*[15], mudança de postura no jeito diferente de ver as coisas, num jeito diferente de como fazemos educação.

Embora não seja o único ponto de apoio, o livro é um grande aliado para o planejamento das aulas, é uma ferramenta do professor, assim como a tecnologia, a sala de aula, o quadro. O uso da tecnologia pode e deve ser parte do processo, sempre que conveniente e com objetivos claros. Esse uso não deve ser um fim em si mesmo, é uma mudança no pensar – mudança de *mindset* – não é pensar que o professor não possa solicitar uma pesquisa, mas além da pesquisa solicitar, por exemplo, a pesquisa em diversas fontes, a checagem dos dados, a análise de reportagem. E a partir dessa pesquisa fossem criadas outras ofertas de aprendizagem.

[15] Segundo Carol S. Dweck mindset quer dizer: a atitude ou configuração mental que cada indivíduo tem relacionado ao resultado da maneira como encaramos a vida.

As trocas de práticas docentes possibilitaram o entendimento e a necessidade de ofertar conteúdos extras como, por exemplo, projetos, blogs, páginas, um podcast[16], um desenho, quizzes, que tem a ver com o conteúdo. Quando colocamos intencionalidade no processo, além de fazer mais sentido para os alunos, torna-se mais engajador. A importância do uso da tecnologia na educação é sustentada conforme os estudos de alguns autores como Moran (2000) que destaca a necessidade de integrar as TICs ao processo de ensinagem e aprendizagem. A seguir um diálogo com os professores, na sala de bate papo.

> "Pior que tem muita gente que acha que é só ir para o laboratório de informática mesmo. Isso é tão engraçado (e trágico), que já passei por situações onde fui substituir algum professor e os alunos pediram para não ir para o laboratório de informática!!!" (Professora da 2ª CRE).

> "Pedir para não ir já significa o quão vazias são as aulas na forma como estão sendo conduzidas. Os próprios alunos nos dão feedbacks sobre o que não está funcionando." (Pesquisador).

> "O problema chega quando em muitas escolas não têm laboratórios de informática, isso reduz drasticamente o nosso potencial de aprendizagem, triste realidade, somos criativos, porém há horas que não dá mesmo!" (Professora da 8ª CRE).

> "É realmente desafiador, mas a falta de laboratório de informática não reduz nossas possibilidades, aliás, talvez até aumente. Hoje em dia todo mundo tem um celular e se não tiver, um pai tem, um tio tem, o colega tem. Que tal uma composição de fotografia? Um vídeo que apresente uma entrevista? Um podcast gravado pelo celular? Uma colagem com revistas? Reciclagem? Acredito que muito disso já é feito, basta aplicarmos metodologias inovadoras." (Pesquisador).

> "Sim, tudo isso trabalho com eles. Só quis relatar que a tecnologia em si não está presente em todas as escolas, pelo menos não da maneira que deveria. Os alunos, a grande maioria tem celular, mas tem que estar conectado, se não para eles não tem graça! Eu uso sempre que possível e se faz necessário!" (Professora da 8ª CRE).

> "Sim, estamos longe de ter estrutura boa o suficiente, até porque as tecnologias ficam obsoletas rapidamente, mas seguimos firmes. Sempre há um caminho alternativo." (Pesquisador).

[16] Podcast é uma mídia de transmissão de informações, de conteúdo (geralmente áudio) transmitido via RSS (RSS é um padrão desenvolvido em linguagem XML que permite aos responsáveis por sites e blogs divulgarem notícias ou novidades destes).

> “Conheço professores, não da Rede, que já usam com sabedoria, como o plickers e o Kahoot.” (Professora da 2ª CRE).

> “O professor pode não usar nenhuma tecnologia e ainda assim ser inovador, criativo O foco não é a ferramenta, o app, o tablet, mas a intencionalidade. A forma como vamos construir um conhecimento significativo. Infelizmente muitos professores ainda acham que basta utilizar a ferramenta que a magia acontecerá. Talvez nunca tenham sido levados a pensar por outra forma.” (Pesquisador).

> “Tecnologia precisa ser pensada e usada como metodologia. Cada vez mais professores estão se permitindo a usar a tecnologia em sala de aula, mas ainda há muitos resistindo, assim como ainda falta incentivo, reconhecimento e estrutura para que tenhamos uma cultura digital instalada na escola. Um dia de cada vez, avante!” (Professora da 2ª CRE).

> Exato. E lembrando que tecnologia não é só computador, Internet, tablet. E mais: para ser criativo e inovador, não precisamos, necessariamente, de todos esses aparatos. (Pesquisador).

> É esquecido que até mesmo o giz é tecnologia. (Professora da 8ª CRE).

> Exatamente. (Pesquisador).

Nas nossas conversas também foi percebido que os professores tinham medo de começar a incluir tecnologia nas suas aulas, uns por medo de algo dar errado, de perder o foco, outros por pura insegurança, alguns por achar que não fazia tanta diferença, e a partir dessas provocações foi possível refletir sobre estratégias para manter a atenção dos alunos. Na palavra de uma professora:

> “Uma parcela significativa de professores não recebeu formação específica para lidar com as TICs durante a graduação, tampouco presenciaram momentos nas aulas em que seus professores utilizavam tais tecnologias. Isso dificulta o uso das tecnologias no processo ensino-aprendizagem.” (Professora da 8ª CRE)

> “A culpa não é nossa e nem dos nossos alunos. Basta lembrarmos da quantidade de informação e estímulos que eles recebem desde muito cedo: cores, imagens, vídeos sons, brilho... Perdemos rapidamente o interesse por coisas lentas, que não desenrolam, que não tem cores, que não estimulam os nossos sentidos.” (Professora da 8ª CRE)

Nesse sentido Camas (2013, p. 186), afirma que um desafio da educação na atualidade “está em formar os futuros professores e os já atuantes na educação a entenderem e fazerem uso significativo das potencialidades tecnológicas na realização de suas aulas”. Mas não é uma missão impossível. Para chamar a atenção dos alunos e engajá-los, conheça o que eles gostam, o que lhes desperta o interesse. Tente possibilitar atividades práticas que envolvam a criação de algo. O uso de recursos visuais também auxilia a aproximar o conteúdo do aluno, explore imagens de personagens, experimentos, inspirações e tudo o que a criatividade permitir tornar sua disciplina mais clara e engajadora.

Fazer uso significativo das potencialidades tecnológicas está no entendimento de lançar mão, por exemplo, de filmes ou desenhos em sala de aula, é uma boa estratégia, especialmente porque consegue trazer uma linguagem que agrada a maioria dos alunos. A ideia de educar por meio de filmes e desenhos é altamente relevante, explorar conceitos estudados em contextos cotidianos, porém com um objetivo didático, fazendo pausas para contextualizar a fim de possibilitar que os alunos absorvam de tal cena.

> “Filmes e desenhos são muito bons e são ótimos para interação para concluir ou iniciar uma sequência didática. Trabalho muito com o fundamental 1 com filme. Relacionando ao tema abordado no período. (Professora da 8ª CRE)”

> “Filmes são ótimos! Gostaria de complementar com sugestões de atividades após o filme. Por exemplo estudo dirigido com perguntas para pesquisarem questões além do filme (desde questões de comunicação a letramento digital) e promover debate, resumo criativo do filme (que poderia ser uma paródia, põem, cartaz, desenho...). (Professora da 2ª CRE)”

> “Tive experiências maravilhosas com filmes em sala de aula. Uma aula inexplicável foi com o filme O Menino e o Mundo. (Professora da 8ª CRE)”

A aprendizagem significativa é um dos elementos da teoria de David Ausubel[17]. Nessa modalidade, ele destaca a importância de levar os conhecimentos prévios dos alunos em consideração, para que novos conhecimentos se liguem a esses conceitos e sejam assimilados, ou seja, proporcionar ao aluno que ele ligue os pontos.

[17] Pesquisador norte-americano, David Paul Ausubel (1918-2008), famoso por ter proposto o conceito de aprendizagem significativa

Proporcionar elementos que fazem parte do cotidiano do aluno, na prática, são ótimas formas de propiciar a aprendizagem significativa, fazer conexões com o que já é vivido ou conhecido pelos estudantes ajuda com que eles mesmos façam os links.

> “Eu acho a aprendizagem significativa muito citada, mas pouco praticada no dia a dia.” (Professora da 2ª CRE).

> “Essa é uma teoria que vejo como mais relevantes. Cada vez mais importante propormos uma aprendizagem significativa.” (Professora da 2ª CRE).

Na era globalizada da informação digitalizada é necessário adequar a sala de aula às expectativas da sociedade contemporânea. A escola por sua vez deve promover e fomentar o aprender por meio de experiências e vivências, desenvolvendo habilidades cognitivas, socioemocionais, e o protagonismo dos alunos, ou seja, a sala de aula deve ser a porta de entrada para o mundo. Essa também é uma orientação da BNCC.

Nesse sentido é uma tarefa crucial para os professores ensinar as crianças como aprender, de modo a querer aprender. Precisamos formar pessoas capazes de pensarem por si próprias, que tenham autoresponsabilidade, que saibam gerir a própria vida e carreira, que saibam avaliar os riscos e tomar decisões. Cada vez mais o pensamento crítico é requerido. Por isso, o papel da escola é cada vez mais fundamental no quesito formar cidadãos pensantes. Fica o questionamento: como fazer isso na prática? Quando o aluno te fizer uma pergunta, devolva uma provocação, uma outra pergunta desafiadora, dê alguma pista, ajude-o a pensar e chegar na resposta por si só, desenvolva nele a capacidade de buscar outros caminhos.

Parte das tecnologias usadas nas escolas já fazem parte da rotina dos alunos, mas vale ressaltar que os educadores são e serão os grandes propulsores e motivadores do uso das novas tecnologias ofertando atividades pedagógicas, projetos e interação na sala de aula, fomentando assim a autonomia e o protagonismo dos alunos de modo a desenvolver habilidades para as profissões e carreiras que os esperam fora da escola. E como colocar isso em prática? Os professores devem encarar esse cenário como uma grande oportunidade de transformação do processo de ensinagem e aprendizagem, não somente com o uso da tecnologia, mas também para promover ações inovadoras, seguindo o conceito do “aprender fazendo”.

Ausubel (2006) afirma que o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece, o aluno é ativo na construção do seu conhecimento e participa do processo educacional. Neste sentido sentimos a necessidade de trazer para o terceiro encontro a discussão a respeito das "Metodologias Ativas".

Utilizar os recursos digitais na sala de aula precisa ir além do uso de equipamento tecnológico, que na sua essência facilitam e promovem o processo de ensino-aprendizagem, o aluno passa a ser protagonista do seu conhecimento. As novas metodologias atreladas ao uso dos recursos digitais devem estar alinhadas a um planejamento pedagógico com os objetivos de aprendizagem bem definidos.

Dessa forma as Novas Metodologias promovem a autonomia dos alunos, a escola passa a fazer sentido, o professor é de fato um mediador do processo de ensino e as TICs estão presentes no planejamento e desenvolvimento da aula.

No nosso último encontro, foi lançado a seguinte provocação: Qual a sua principal dúvida sobre novas metodologia? Num formato *design thinking*[18] *onde* os professores foram convidados a refletir sobre a descoberta, a interpretação, a ideação, experimentação e evolução, etapas do *design thinking*, a respeito da provocação inicial, dessa forma aprendiam também novas metodologias. A proposta foi que cada grupo de professores pudesse apresentar soluções para os problemas apresentados a partir da reflexão através de um olhar mais humano. E dessa forma os resultados foram ótimas soluções e propostas, que foram baseadas na reflexão e na autonomia do aluno.

Nos fragmentos a seguir podemos observar a interação dos professores, separados por grupo, com relação as dúvidas sobre novas metodologias:

> "É possível trabalhar o tempo todo com metodologias ativas ou o ideal é ir mesclando ao longo do ano?" (Professora da 2ª CRE).

[18] Uma abordagem que catalisa a colaboração, a inovação e a busca por soluções mediante a observação e a cocriação, a partir do conceito de prototipagem rápida e da análise de diferentes realidades. CAVALCANTI, Carolina Costa; FILATRO, Andrea Cristina. Desing thinking na educação presencial, a distância e corporativa. 1ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2016.

“Boa! Eu não gosto de explorar só um método/abordagem. Prefiro ir diversificando, para não ficar cansativo e termos experiências múltiplas. Por isso é tão importantes termos um vasto repertório. (Pesquisador).

“Como incluir Matemática? Alguns conteúdos são muito abstratos.” (Professora da 2ª CRE).

“Se você que os domina acha abstrato imagina seus alunos. Tome a história da matemática sua aliada. Sempre que possível, relacionando o tema à vida real. No que aquele cálculo é utilizado? Por engenheiros? Astronautas? Costureiras? Biomédicos? Eles vão amar saber. Humanize a matemática.
Mostre o amor que você tem por essa área e os inspire com esse amor.
Demonstre a importância, na vida prática, do raciocínio lógico.” (Pesquisador).

“Atividades práticas sem uso da internet”. (Professora da 8ª CRE).
“Qualquer possibilidade que eles tenham de criar, aprender fazendo, avaliar o que aprenderam, errar, tentar de novo, contar com a ajuda do colega, descobrir no que são bons, perceber onde têm dificuldades, já é um belo caminho. Eles precisam ter a liberdade de criar algo sem o professor interromper para dizer que por aquele caminho não dará certo. Eles precisam errar. E para tudo isso não precisa de internet. Precisa de: vontade, mais criatividade, mais intencionalidade, mais objetivos claros.” (Pesquisador).

“É possível trabalhar metodologias ativas na educação infantil? Se sim, a partir de que idade?” (Professora da 8ª CRE).

A partir do momento em que a criança já brinca e consegue interagir com o outro, é possível. Especialmente quando ela já entende o que você comunica. Mesmo que ainda não fale ou fale pouco. (Pesquisador).

“Como trabalhar o ensino Híbrido?” (Professora da 2ª CRE).

“Possibilite contato prévio – online – com o tema a ser explorado.
Valorize os momentos presenciais para aprofundar, debater, criar, interagir e trocar ideias.
Agregue conteúdos extras de forma online e resgate a discussão e reflexões no offline.” (Pesquisador).

“Como realizar sala de aula invertida com os alunos menores?” (Professora da 2ª CRE).

“Tema: animais marinhos. Solicite uma pesquisa juntamente com os responsáveis sobre um animal marinho de sua escolha. Você pode deixar a sugestão de alguns itens a serem pesquisados: - Do que se alimenta? - Quanto tempo vive? – De onde é originário? Apresentar os resultados e curiosidades aos colegas em sala, de preferência com a confecção de um cartaz com desenhos, colagens, o que preferir. A professora entra com a

temática a partir dos aspectos abordados, tirando dúvidas, trazendo outros apontamentos e aprofundando o que for necessário.” (Pesquisador).

Imagem 11: Novas Metodologias



Fonte: Do autor 2019.

Imagem 12: Novas Metodologias



Fonte: Do autor 2019.

É importante evidenciar que ao final das oficinas foi possível estabelecer relações, com a prática docente desenvolvida por cada um dos professores, possibilitando, mudanças nas metodologias utilizadas em sala de aula.

O professor vive em um mundo repleto por inteligência artificial, robótica, internet das coisas, programação e tantos novos conceitos e invenções que vem surgindo. É nesse sentido, que também o seu comportamento e olhar para a educação deve mudar.

É por isso que se faz tão importante a formação contínua de qualidade, atualização, mentorias, espaços para diálogo na escola e cooperação entre gestores e educadores. Todo um ciclo está envolvido e para obtermos sucesso, é preciso que cada um faça a sua parte.

Também foi proposto aos professores, via *WhatsApp*, antes do nosso encontro presencial um teste que tinha como finalidade perceber se o professor era “um professor 4.0”. As perguntas propostas foram:

- Você domina aplicativos básicos pensando em termos educacionais?
- Você estuda, se planeja e frequentemente promove aulas que usam recursos como computadores, celulares e projetores?
- No seu planejamento você pensa em aulas que estimulem a criatividade, empatia e autonomia dos seus alunos?
- O contexto social dos seus alunos e comunidade escolar é levada em conta nos seus objetivos de aulas?
- Você ajuda seus alunos a encontrarem as respostas para suas dúvidas através de reflexões, criações de situações e pesquisas?

O objetivo desse teste era uma autoavaliação do seu fazer docente, uma possibilidade de percepção através das respostas de sim ou não se o professor pesquisado era um professor inovador ou em desenvolvimento. Todos os professores participantes responderam “sim”, ou seja, são inovadores.

Relatos dos professores:

> Temos que nos tornarmos 4.0, caso contrário, seremos dragados por profissionais exercitando funções que são nossas e por grupos financeiros que nada têm em comum com a educação.

> ...É um movimento muito comum... Já vejo muito jornalista, engenheiro e outros ensinando professor a dar aula. Ou nós atualizamos e "empoderamos" ou tomarão lugares que deveriam ser ocupados por nós.

Estamos atrasados em relação a outros países. O conceito educação 4.0, logo professor 4.0 existe há quase uma década e só agora passamos a discuti-lo do ponto de vista educacional. O conceito de educação 4.0 baseia-se no conceito de *Leraning by doing*, ou seja, aprender fazendo. Esse conceito traz a ideia de que todos nós – principalmente quem está na escola hoje vamos aprender coisas diferentes e de maneiras diferentes, por meio de experiências, projetos, testes e muita mão na massa. Há um espaço grande para desenvolver esse tema no Brasil, mas precisamos avançar, para capacitar nossos jovens e acompanhar as transformações da era digital.

Um instrumento de partida para educação 4.0 é a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que atualizou e complementou o Plano Nacional de Educação (PNE). O documento define as aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica, de forma progressiva e por área de conhecimento.

O professor não pode ser mais aquele que apenas transmite o conhecimento. Deve assumir o papel de mentor e mediador, orientar e conduzir o aluno para o desenvolvimento das suas habilidades. Mesclar mundo real com o conteúdo, propiciar a inventividade e a criatividade dos alunos e ser um eterno estudante.

O professor é uma grande fonte de disseminação de informação e entender a tecnologia como aliada é um ganho, utilizar ferramentas que estão presentes no cotidiano dos alunos é promoção de engajamento em atividades didáticas, facilitando o seu próprio trabalho. É uma mudança de atitude, ou seja, de *mindset*, na medida em que deixa o papel de único detentor do conhecimento e passa a atuar como mentor. O mundo digital permite ao professor inovar no formato das aulas, buscando estímulos alternativos e personalizados para entender mais adequadamente às expectativas dos alunos. Neste sentido, organizar a sala de aula em grupos torna-se um benefício.

Antes de mais nada, a sala de aula organizada em grupos não é benéfica para todas as aulas e não é a solução de todos os problemas. Nem sempre dará certo. Cada professor vive uma realidade, cada turma tem um perfil e cabe ao professor identificar o momento de tentar essa organização. A organização da sala também é

uma ferramenta pedagógica que pode auxiliar o professor, mas tudo vai depender da sua intenção naquela aula. Alguns benefícios coletivos podem ser relatados, tais como: o diálogo, trocas, compartilhamento e experiências; o professor consegue andar pelos grupos e auxiliar/agir como um moderador; possibilita a pluralidade de olhares, ajuda a desenvolver a negociação e argumentação; a depender da atividade proposta, ajuda a desenvolver a negociação e argumentação.

Nessa perspectiva o papel do professor passa a auxiliar os grupos de forma personalizada, caminhar pelas turmas e acompanhar o desenvolvimento das atividades, auxiliar e estar atento para a participação dos membros de um mesmo grupo. Não existe um modelo ideal que seja produtivo e benéfico para todos os formatos de aula e todos os objetivos e intenções, por isso o importante é conhecermos as possibilidades e testarmos conforme seja possível em nossa realidade. Relatos dos professores.

> “Muito bom mesmo! Descrição muito pedagógica!” (Professora da 2ª CRE).

> Protagonismo dos alunos tendo como foco a aprendizagem. (Professora da 2ª CRE).

> Essa metodologia nas minhas turminhas está dando super certo! Eles ficaram mais maduros e preocupados uns com os outros. (Professora da 8ª CRE).

> O professor deve ser estratégico para os alunos manterem o objetivo da aula, caso contrário o tema em questão será substituído por outros assuntos entre os danados. (Professora da 8ª CRE).

> Eu amava quando deixavam essa organização. (Professora da 2ª CRE).

> Que sonho uma sala de aula com cerca de 20 alunos! Muito proveitoso seria! (Professora da 8ª CRE).

> Gostei e me fez repensar. (Professora da 8ª CRE).

Foi possível compreender que a formação continuada para os professores vislumbrou novas buscas por artefatos, não apenas para a prática docente, ou para a

formação profissional num todo, mas como elemento para aprimoramento do processo criativo do fazer pedagógico. Contudo o professor precisa humanizar o ensino e transformar a experiência de aprendizagem em algo prazeroso.

De acordo com Delors, (2003):

> Os professores são também afetados por esta necessidade de atualização de conhecimentos e competências. A sua vida profissional deve organizar-se de modo que tenham oportunidade, ou antes, se sintam obrigados a aperfeiçoar sua arte, e beneficiar-se de experiências vividas em diversos níveis da vida econômica, social e cultural. (DELORS, 2003, p. 166).

Essa oficina, com assuntos tratados de forma a estabelecer um diálogo com as inquietações do professor apresentando fundamentações necessárias para subsidiar nas reflexões e na busca de ações criativas fizeram sentido para minha pesquisa, diferentemente das outras formações promovidas essa trouxe resultados mensuráveis no que tange aos desafios da prática pedagógica no século XXI.

Refletir a respeitos de novas práticas pedagógicas não é promover shows pirotécnicos, mas sobretudo levar em consideração o contexto, promovendo experiências de aprendizagem, dando espaço para o aluno criar, errar, aprender testando. “Ensinar não é transferir conhecimentos” (1997, p. 52). A formação docente é gradativa, e precisa ser gradativa. Estudar bastante e conhecer todas as possibilidades de promoção da aprendizagem significativa a partir de novas metodologias, das competências e habilidades a serem desenvolvidas a cada conteúdo. Conhecimento é acumulativo.

6. Considerações Finais

Houve transformações na área da educação, e pode-se afirmar que a educação está voltada para o aluno e a construção de seu conhecimento. Dermeval Saviani afirma que:

> O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade. (SAVIANI, 1991, p.55)

O professor não é apenas um entregador dos conhecimentos produzidos. Freire (1997, p. 47) defende que “é preciso que o formando, desde o princípio da sua experiência formadora, se assuma como um sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Existe, na qualidade de professor, uma potente urgência na sua formação, cujos haveres são as necessárias práticas pedagógicas diante do século XXI. Hengumuhle (2008, p. 11) aprofunda o assunto dizendo que:

> A formação de professores pouco se tem exercitado práticas pedagógicas que habilitem os futuros professores a desenvolver aulas [...] instala-se assim, um círculo vicioso: a formação deficitária dos professores formadores que, em consequência leva a um agir deficitário dos futuros educadores. (Hengumuhle, 2008, p. 11)

A pesquisa buscou investigar o contexto de práticas pedagógicas de professores do Ensino Fundamental Anos Iniciais de duas escolas da cidade do Rio de Janeiro e propor, a partir de oficinas de formação continuada, o uso de recursos da cultura digital como modo de aprimorar a atuação docente com metodologias que façam sentido para os alunos.

Neste sentido, fui remetida a olhar a prática pedagógica dos professores participantes em momentos distintos, no primeiro momento, com o grupo de professores, que teve como objetivo ouvir e dessa forma analisar as transcrições de

seus discursos orais e suas ações em sala de aula, foi possível a partir dos sentidos produzidos no contexto dos grupos, iniciar uma reflexão mútua a respeito das prática educativa. Se as práticas educativas estavam contribuindo para manter um modelo de turma ou se estava agindo para realizar uma modificação no âmbito educacional no qual o professor era mediador do processo de aprendizagem.

Um exemplo de uma reflexão mútua, feita pelos professores, sobre prática educativa, foi a respeito das aulas expositivas. As aulas expositivas morreram? Não! Não morreram. As aulas expositivas são ainda um método que funcionou e funcionará no futuro. O que muda é o nosso jeito de percebê-las e praticá-las: não mais como o caminho, mas como uma das estradas possíveis. Em um mundo em transformação, nem tudo precisa ser descartado, apenas reavaliado.

Não podemos afirmar que exista uma prática pedagógica perfeita para ser executada na sala de aula dos professores pesquisados, no entanto, tornou-se necessário que o professor tivesse consciência de que o seu fazer pedagógico deveria ser elaborado para suprir as dificuldades do aluno e não para atender as suas necessidades, uma metodologia que explorasse a interação entre os alunos.

Não importa o contexto em que esteja inserido o professor, ele precisa estar em constante transformação do fazer pedagógico, buscando sempre fazer uma reflexão, repensar sua prática docente. Neste sentido foi possível observar o que mudou, e houve mudanças, para os professores pesquisados mudou o acesso à informação, ao conhecimento, às práticas pedagógicas. Formamos redes de discussão, de compartilhamento de ideias, de práticas. Percebi que mudanças estavam ocorrendo e aquilo que estava só na teoria precisava ser praticado e testado, foi nesse momento – nosso segundo momento - que nossos encontros se tornaram oficinas de práticas pedagógicas.

Durante as oficinas de práticas pedagógicas, percebeu-se nos professores o interesse, a motivação, o envolvimento e o prazer ao realizar as atividades de reflexões propostas. Verificou-se que não houve dificuldades quanto à realização das atividades práticas, observou-se um grande envolvimento por parte dos professores, tanto nos encontros presenciais quanto nos encontros a distância.

Estudar sobre essa temática possibilitou perceber a singularidade que o professor tem no processo de aprendizagem, “o centro e o eixo da escola é a aprendência, única razão de ser. Todas as atividades dessa instituição só fazem sentido quando centradas na (re) construção do conhecimento, na aprendizagem e na busca” (WITTMANN e KLIPPEL, 2010, p.81). Dessa forma, a pesquisa me permitiu compreender o papel do professor na educação, sendo ele o mediador do processo de aprendizagem, aquele que promove os diálogos, que investiga sempre provocando a participação de todos os alunos. Lembrando que ser um professor mediador é abandonar aquela posição de detentor do saber e assumir uma nova roupagem, a de facilitador da aprendizagem, de promovedor de experiências em conjunto, de problematizador em constante formação. Enfim, o professor exerce um papel importantíssimo no cenário escolar, e sua atuação como agente formador foi analisada nesse estudo.

Esse estudo objetivou, também, compreender a relevância da formação continuada para os professores exercerem plenamente seu papel no processo ensino-aprendizagem. Foi percebido que o novo cenário demanda algumas competências que são essenciais ao professor do século XXI, isso traz subsídio para promover a participação e motivação dos profissionais aos cursos de formação. Percebe-se que os docentes pesquisados são profissionais com experiência profissional no magistério, além de serem especialistas em assuntos educacionais, contudo, isso não garante o sucesso frente aos desafios postos pela cultura digital. Neste sentido, cursos de formação tornam-se propícios para os professores terem condições de intervir positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa possibilitou constatar que a formação continuada ajuda a desenvolver as competências necessárias à educação do século XXI. Existe uma necessidade de capacitação presente no cenário atual, porém, é indispensável uma gestão empenhada em promover cursos de capacitação que visem contribuir com o papel do professor frente aos desafios da cultura digital, oportunizando momentos de ações práticas e significativas. O professor é o mediador do processo e como tal precisa estar preparado para sanar dúvidas, identificar lacunas e ajudar os alunos no processo de construção de conhecimento. Mas, ele não está sozinho, e deve ter apoio institucional nesta direção.

Assim, as reflexões articuladas nessa pesquisa possibilitaram aprimorar o olhar

para perceber as especificidades que só a formação continuada pode proporcionar, com o intuito de desenvolver uma práxis geradora de resultados no que concerne ao ensino e a aprendizagem, bem como a capacitação do docente como suporte para fortalecer a prática pedagógica. Hengumuhle (2008, p. 16) diz que “a história da humanidade é marcada por esse constante porvir, onde o acabado é visto como insatisfatório, por que o desejo infinito da pessoa é de investigar e, diante de cada resposta, já vislumbra novas perguntas”.

Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada autoriza afirmar que a educação continuada do professor é uma questão de suma importância, pois a formação docente se faz necessária pela própria natureza do saber e do fazer humano como práticas que se transformam constantemente e que alguns paradigmas precisam mudar. A Educação vem acompanhando as mudanças que ocorrem no século XXI e a formação continuada é o pilar do sucesso para um professor inovador. Destaco que professor inovador não foi formado para ser inovador, a maioria não começou a carreira sendo inovador, mas em algum momento percebeu que daquele jeito já não havia motivo para continuar. Então sacudiu a poeira e foi buscar outros caminhos. Tornou-se um *lifelong learner*[19] e sabe que quanto mais sabe, mais descobre que não sabe. Fazer o que? Quem ensina tem que ser apaixonado em aprender, logo o docente além de mediador é o agente problematizador desafiando os educandos.

A pesquisa também revelou que não é necessário apenas, integrar as novas tecnologias digitais no processo de ensino aprendizagem se as práticas pedagógicas não forem revistas, a inserção de tecnologias nas escolas não garante nada. Sem o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas capazes de abarcar e contemplar os aspectos da aprendizagem, não será possível potencializar a construção de conhecimentos. As práticas pedagógicas devem ser modificadas, levando a instituição à imersão na cultura digital, uma vez que os professores verbalizam em seus discursos a importância do uso dessas ferramentas na sala de aula. Os professores estão conscientes da importância da formação continuada, que possibilitem ao professor vivenciar experiências que desenvolvam simultaneamente as capacidades técnicas e principalmente as pedagógicas.

Foi possível concluir que a pesquisa atendeu às questões que a moveram, pois

[19] Lifelong learning: em português, educação continuada.

a sua sistematização demostrou como a formação pedagógica dos professores é eficiente para o aprimoramento no campo das especificidades do ensino e aprendizagem.

Desse modo, esse estudo e pesquisa, longe de esgotarem as questões que afloram, pretenderam aquecer o debate sobre a formação continuada do professor, seu papel de mediador no ensino e aprendizagem, a utilização das novas tecnologias – tecnologia usada e pensada como metodologia - e a participação dos alunos, entre outras questões norteadoras, que versam sobre o tema abordado e que precisam de mais debates e inferências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B.; MOREIRA DA SILVA, M. G. **Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de Web Currículo.** Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 7, n 1, p. 1-19, abr. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76619165002>. Acesso em: 01 jun. 2019.

ALVES, N.; MACEDO, E.F; OLIVEIRA, I.B.; MANHÃES, L.C. **Criar currículo no cotidiano.** São Paulo: Cortez, 2002.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

AUSUBEL, D.P. Educational psychology: a cognitive view. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.
AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa, Plátano. Edições Técnicas. Tradução ao português de Lígia Teopisto, do original The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view, 2006.

BARBOSA, E. MOURA, D. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. In: Boletim Técnico. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago, 2013.

BARROS, D.M.V. **Tecnologia da inteligência: gestão da competência pedagógica virtual.** Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2005.

BOHN, H. I. **Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas.** In: LOPES, L. P. M. (Org.). Linguística aplicada na modernidade recente: festchrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013, p. 79-98.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 009/2001, p 22 do Conselho Nacional de Educação.** In: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

CAMAS, N. P. V. et al. **Professor e cultura digital: reflexão teórica acerca dos novos desafios na ação formadora para nosso século**. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, Unisc, v. 21, p. 179-198, 2013.

CASTRO, M. G. B. de; **uma retrospectiva da formação de professores:** história e questionamentos. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_1/uma_retrospec_form_prof.pdf>. Acesso em 12 nov. 2019.

CAVALCANTI, C. C.; FILATRO, A. C. **Desing thinking na educação presencial, a distância e corporativa**. 1ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2016.

CHRISTOV, Luiza Helena da silva. **Coordenador pedagógico e a educação continuada.** São Paulo: Loyola, 2003.

COLL, C. **Aprender y enseñar con las TIC: expectativas, realidad y potencialidades**. In: CARNEIRO, R., TOSCANO, J. C., DÍAZ, T. 2009. Los desafíos de las TIC para el cambio educativo. Madrid, España: Fundación Santillan. 2009

CORTELAZZO, A.L... [et al]. **Metodologias Ativas e Personalização de Aprendizagem para refinar seu cardápio metodológico. de Aprendizagem para refinar seu cardápio metodológico.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

DEWEY. J. **Democracia e educação: capítulos essenciais**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

FAZENDA, I. (Org.). **Dicionário em Construção – Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, N. S. C. (org). **Formação continuada e Gestão da educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FRANCO, M. **Pedagogia da pesquisa-ação**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, V.31, n.n. 3, p. 483 – 502, 2005.

FREIRE, P. (1968) **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática docente.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTIi, M. **Pedagogia da práxis.** 2. ed. São Paulo, Cortez. 1998.

GATTI, B. A. **A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GATTI, B. A. BARRETO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GUSMÃO, N. M. de. **Antropologia e Educação: origens de um diálogo.** Cadernos CEDES, nº43, Unicamp, 1997.

HENGEMÜHLE, Adelar. **Formação de Professores:** da função de ensinar ao resgate da educação. Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias. O novo ritmo da informação.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e tempo docente.** Campinas, SP: Papirus, 2013.

KICKBUSCH, I. **Aprender para o bem-estar: uma prioridade política para as crianças e os jovens na Europa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social.** São Paulo: Pioneira, 1965.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo.** São Paulo: Cultrix, 1978.

LIBANIO, J. B., **A arte de forma-se**, 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA JUNIOR, A. S. de. **Tecnologias inteligentes e educação: currículo hipertextual**. Rio de Janeiro: Quarter; Juazeiro/BA: FUNDESF, 2005.

MARQUES, Mario Osorio. **Professores falantes de si na sala de aula, na escola e na constituição pedagógica.** In: OLIVEIRA, Valeska Fortes (org.). Imagens de professor: significações do trabalho docente. Ijuí: Unijuí, 2000.

MASETTO, M.T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 15. Ed. Campinas: Papirus, 2009.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 15. Ed. Campinas: Papirus, 2006.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, mai/ago 2004. Quadrimestral.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3ª ed. Brasília: Cortez, 2001.

NAÇÕES UNIDAS 2019. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. Disponível em: https://sustainabledevelopment.un.orghttps://nacoesunidas.org/wpcontent/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf. Acessado em 6 fev. 2019.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a Sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

NOLASCO-SILVA, **Leonardo. Tecnodocência: a sala de aula e a invenção de mundos**. 1ª edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2019.

OLIVEIRA, M. Â. C. **Psicopedagogia: a instituição educacional em foco.** Curitiba: Ibpex, 2009.

PRADA, L. E. A. **Formação participativa de docentes em serviço.** Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RATIO atque Institutio STUDIORUM – Organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. In: FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

REZENDE, A. **Curso de filosofia: para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
ROMANOWSKi, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 4.ed.rev. Curitiba: IBEPEX, 2010.

SACRISTAN, G. J. **A educação que temos, a educação que queremos.** In: INBERNÓN, Francisco. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artimed, 2008.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 10 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOARES M. B. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura.** Educação e Sociedade: dez. 2002, v. 23. n. 81, p. 141-160.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem, com Ana Sanchez**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2018.

WENGZYNSKI, D. C. & TOZETTO, S. (2012). **A formação continuada face as suas contribuições para a docência.** In: Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul: UCS. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2107/513> Acessado em 01 de mai. de 2019.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPLEL, Sandra Regina. **A prática da gestão democrática no ambiente escolar.** Curitiba: IBPEX, 2010. (Série Processos Educacionais).

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia.** Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2000.

VEIGA. I. P. A. **A aventura de formar professores**. Campinas, SP: Papiriu, 2009.

VERGER, J. **Os livros na idade média. Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999. cap 3. Disponível em: Acesso em: 06 abr. 2018.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **História da Profissão Docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

VICTÓRIO FILHO, A. **A formação contínua no cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZABALLA, A. **A prática educativa.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.